



Ana Rita Amado

ADOLESCENTES E PAIS: TRANSIÇÕES QUE SE CRUZAM
IMPACTO DA VIVÊNCIA DO ROMANCE E SEXUALIDADE ADOLESCENTE NAS
RELAÇÕES PAIS-FILHOS

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

2011

Universidade do Porto

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**ADOLESCENTES E PAIS: TRANSIÇÕES QUE SE CRUZAM
IMPACTO DA VIVÊNCIA DO ROMANCE E SEXUALIDADE ADOLESCENTE NA
RELAÇÃO PAIS FILHOS**

Ana Rita Amado

outubro de 2011

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia, na área de Psicologia Clínica e da Saúde, na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora Cidália Duarte.

(F.P.C.E.U.P.).

AGRADECIMENTOS

Tantas vezes me senti solitária neste percurso, tantas outras percebi a disponibilidade, carinho e apreço de todos os que me rodeavam. Agradeço a todos que comigo se *cruzaram*, em especial:

À Professora Doutora Cidália Duarte por ter aquietado as minhas incertezas e hesitações iniciais. Hoje, no culminar destes dois anos, percebo que estudei algo de que realmente gosto. Por me ter incentivado a repensar decisões, pelos momentos de reunião mais descontraídos, que “desbloquearam” o que estava pronto para passar para o papel.

À Escola Secundária da Boa Nova de Leça da Palmeira, pela prontidão com que deu resposta ao meu pedido de colaboração.

A todos os adolescentes e pais que participaram neste estudo, pelo desafio e momento marcante de aprendizagem que me proporcionaram.

À Doutora Ana Cristina Rocha pela tranquilidade que me transmitiu, sem que eu lhe explicasse de que precisava no momento.

Ao Professor Doutor Vítor Teixeira, pelo modelo de energia, que me faz acreditar que consigo fazer mil coisas ao mesmo tempo ... e, afinal, às vezes consigo. Pelas oportunidades, pela vontade de fazer, saber e descobrir mais, que me fazem querer que o futuro seja já hoje.

Aos meus colegas de Faculdade com quem, no decorrer destes cinco anos, partilhei este irrepetível capítulo da minha vida. Àqueles com quem mais me diverti, vivi e aprendi, até para lá dos limites da Faculdade. Aos especiais, sem que precise de dizer quem são.

Aos meus poucos, mas valiosos amigos. À Martinha, à Martuxa, à Carla e à Coto. Ao Tiago Marinho por, juntamente com o Rui, tantas vezes me ter tentado *carinhosamente desencaminhar*. Em especial, à Rita, à Mi e à Nisa, porque esta conquista não teria sido igual sem vocês. Foi mais fácil assim, porque dividimos as angústias e agora preparamo-nos para partilhar as comemorações. Pela companhia, pelo apoio, pelas sugestões, mas sobretudo pela amizade, pelas “mini-férias” relaxantes e inspiradoras, pelos projetos pós-tese que nos vou obrigar a concretizar, ... por serem a companhia que quero em conquistas futuras.

À *família de Domingo*, porque tenho saudades de ser sempre parte dela. Aos meus quatro avós, porque sei que ficarão felizes com o terminar desta etapa, que sempre fez parte do meu projeto de vida.

A quem levo sempre comigo, independentemente do caminho que escolho: os meus pais e os meus irmãos, alicerce de tudo o que tenho vindo a construir. À minha Mãe pela compreensão de sempre, pelas sugestões e pelo apoio incessante quando quero descobrir mais e ao meu Pai pelas raras palavras que tanto dizem. Aos meus Gémeos, adolescentes que preenchem a minha vida, porque nestes últimos anos os privei tantas vezes da minha companhia. Ao meu Irmão pelas *conchinhas* e patetices que me fazem rir, à minha Irmã pelo mimo e pelas gargalhadas quando nos deitamos à mesma hora sem vontade de dormir.

Ao Rui, pelo porto seguro que foi em já muitas aventuras, pela partilha e o apoio em momentos em que o *tic-tac* parecia não passar, pelo equilíbrio que traz à minha forma de viver.

RESUMO

Numa fase de clara complexificação biopsicossocial é, muitas vezes, no seio do grupo de pares que emergem as primeiras relações românticas, dimensão central nesta etapa do ciclo vital. Conquanto as questões da sexualidade não se circunscrevam à adolescência, nesta fase ganham especial destaque, já que desempenham um papel crucial na tarefa de construção de identidade. Simultaneamente, todo o sistema familiar é desafiado para a mudança. Para explorar o significado atribuído pelos sujeitos a estas experiências, romance, sexualidade e relação parental durante a adolescência, e perceber qual o impacto que a vivência das duas primeiras poderá ter na relação com os progenitores, realizaram-se, ao longo deste estudo, dois grupos de discussão focalizada com adolescentes, um com sujeitos que namoram e outro que não namoram, e um com pais de adolescentes, cujo discurso foi posteriormente tratado com recurso a uma análise de conteúdo categorial. Assim, aproveitando o contributo da metodologia qualitativa, é dada voz aos protagonistas deste contexto relacional. Os resultados alcançados sugerem que a adolescência marca um período de transição quer para os próprios adolescentes, quer para os seus pais, caracterizado, de um modo geral, por um claro desconforto na abordagem destas temáticas em família, ainda que o discurso dos participantes deixe adivinhar a certeza da importância que tal poderia ter enquanto veículo de transmissão de crenças, expectativas e informações. Romance e sexualidade adolescente, duas noções concetualizadas de forma semelhante pelos três grupos, cumprem funções fulcrais no desenvolvimento do adolescente, podendo, ainda que as opiniões dos participantes sejam discordes, ter algum impacto, tanto positivo, como negativo, na relação parental.

Palavras-chave: adolescência, relações românticas, sexualidade, relação com os pais.

ABSTRACT

In a period of manifest biological, psychological and social development it is frequently in the context of the peer group that the foremost romantic relations emerge, which is the central dimension in this lifecycle stage. Although the sexuality issues do not confine to the adolescence, they gain a special remark, for the reason that they play a decisive role in the identity construction. Simultaneously, the family system is challenged to change. In

order to explore the meaning the individuals assign to romance, sexuality and parental relationship experiences during adolescence and to realize the impact that the first ones may have on the parental connection, two groups with adolescents have been carried out in this work, one with subjects that are having a date, and another with the others who are not, and one group with adolescents' parents. The discussions have later been studied with categorical contents analyze. With the qualitative methodology contribute, voice is given to the protagonists of this context of relationships. The results suggest that adolescence outlines a transition period for both adolescents and parents, mainly characterized by an evident uneasiness to address these topics within family, though the participants' speech discloses they know it could be an important way to transmit beliefs, values and information. Adolescent dating and sexuality, two notions similarly conceptualized by all the groups, fulfill a central role in the adolescent development and may have, despite the participants' discordant judgments, some impact, whether positive or negative, in the parental relation.

Key-words: adolescence, romantic relations, sexuality, parental relation.

RÉSUMÉ

Dans une phase de claire complexification biopsychosocial, c'est souvent au sein du groupe de pairs que naissent les premières liaisons romantiques, dimension celle-ci centrale pendant cette étape de la vie. Bien que les questions envers la sexualité ne se limitent pas à l'adolescence, c'est cependant durant cette phase qu'elles gagnent le plus d'importance, puisqu'elles seront essentielles à la construction identitaire. Simultanément, tout le système familial se retrouve face à la nécessité de changement. Pour explorer le sens attribué par les sujets à ces expériences, à la romance, à la sexualité et à la relation avec les parents pendant l'adolescence, mais aussi à fin de comprendre l'impact que la romance et la sexualité ont sur la relation avec les parents, ont été réalisé pour la présente étude deux groupes de discussion focalisés avec des adolescents, l'un avec des sujets impliqués dans une relation romantique et l'autre avec des sujets qui ne le sont pas, ainsi qu'un autre groupe de discussion avec des parents ayant des fils adolescents; le discours des sujets a ensuite été traité à partir d'une analyse de contenu catégorielle. Profitant de la contribution de la méthodologie qualitative, la parole est donnée aux protagonistes de ce

contexte relationnel. Les résultats obtenus suggèrent que l'adolescence marque une période de transition, aussi bien pour les adolescents eux-mêmes, que pour leurs parents, caractérisée, généralement, par un vrai mal-être en ce qui concerne l'approche de ces thèmes en famille. Cependant le discours des participants laisse la certitude de l'importance que pourrait avoir cette approche en tant que véhicule de transmission de croyances, d'expectatives et d'informations. Romance et sexualité à l'adolescence, deux notions conceptualisées de manière semblable par les trois groupes, assument des fonctions clés au niveau du développement de l'adolescent, pouvant avoir un certain impact, malgré les divergences d'opinions entre participants, aussi bien positif que négatif, sur la relation parentale.

Mots-clés: adolescence, relations romantiques, sexualité, relation avec les parents.

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I: Relações Românticas e Sexualidade na Adolescência	4
CAPÍTULO II: Relação Pais-Filhos na Adolescência	10
2.1. Comunicação entre pais e filhos acerca de namoro e sexualidade na adolescência .	14
CAPÍTULO III: Metodologia.....	17
3.1. Enquadramento Metodológico do Estudo	18
3.2. Metodologia de Investigação Qualitativa	19
3.2.1. Procedimento de recolha da informação: grupos de discussão focalizada	20
3.2.2. Constituição e caracterização dos grupos	21
3.2.3. Procedimento de tratamento da informação recolhida: análise de conteúdo	22
CAPÍTULO IV: Apresentação e Análise dos Resultados	25
4.1. Grupo de Pais	26
4.2. Grupos de Adolescentes	34
4.2.1. Grupo de adolescentes que namoram	34
4.2.2. Grupo de adolescentes que não namoram	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	57
ANEXOS.....	63

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1. Guião do Grupo de Discussão Focalizada com Pais de Adolescentes

Anexo 2. Guião do Grupo de Discussão Focalizada com Adolescentes que Namoram

Anexo 3. Guião do Grupo de Discussão Focalizada com Adolescentes que Não Namoram

Anexo 4. Consentimento Informado

Anexo 5. Caracterização dos Participantes dos Grupos de Discussão Focalizada

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1: Sistema de categorias e subcategorias

Quadro 2: Caracterização dos participantes do grupo de pais (GP)

Quadro 3: Caracterização dos participantes do grupo de adolescentes que namoram (GA1)

Quadro 4: Caracterização dos participantes do grupo de adolescentes que não namoram (GA2)



INTRODUÇÃO

“...entrar na adolescência é quase a mesma coisa que entrar num país estrangeiro, sem conhecer a língua, os hábitos ou a cultura; isto é, talvez seja ainda pior, porque o adolescente não possui um roteiro que o oriente.”

(cit in Sprinthall & Collins, 2003, p. 201)

A adolescência é uma fase de transição, caracterizada por múltiplas transformações físicas associadas à chegada da puberdade, mas também por relevantes mudanças cognitivas, de personalidade, afetivas e sociais. As mudanças a nível físico vão desde a capacidade de reprodução, até todas as alterações na aparência e capacidade físicas, levando a que os outros formem para os adolescentes expectativas, padrões de desempenho de tarefas e normas de comportamento diferentes daqueles que tinham em relação a eles quando eram crianças (Sprinthall & Collins, 2003). Costa (1999, p. 17) preconiza que “ser adolescente é viver o conflito entre a dependência da infância e a construção da autonomia que dará acesso à idade adulta”.

Ainda que não seja uma tarefa exclusiva da adolescência, a construção da identidade é quase universalmente atribuída ao processo de crescimento pessoal que ocorre durante esta etapa do ciclo vital. Associado a esta questão, ganha voz o nome de Erikson (1976a, 1976b), que considerava a resolução da crise de identidade pessoal um dos pontos críticos deste período. Segundo o autor, a cargo do adolescente fica a difícil tarefa de conjugar todas as transformações físicas com as expectativas incertas e esperanças sobre o futuro, de forma a conseguir um auto-conceito coerente, ou seja, uma identidade. Assim, a formação da identidade, aspeto psicossocial do percurso adolescente, é então um processo integrador das transformações pessoais, das exigências sociais e das expectativas em relação ao futuro, sendo de realçar o papel que a família desempenha neste processo (Erikson, 1976b). De facto, a atmosfera emocional da família, a forma como os pais preparam e ensinam os filhos, as oportunidades e dificuldades que colocam ao seu desenvolvimento são fatores que exercem influência sobre o indivíduo desde o nascimento, com particular destaque para a adolescência (Sprinthall & Collins, 2003).

Para o desenvolvimento da autonomia e da identidade, tarefas cruciais do período de transição entre a infância e a idade adulta, o adolescente investe num processo de separação relativamente a si próprio e às concepções e teorias pessoais que foram até aí orientadoras da sua relação com o mundo (Kegan, 1982, 1994, in Matos, 2006). Para ser

bem sucedido em tais tarefas são essenciais as relações de amizade, peças fundamentais na matriz relacional, onde atuam os mecanismos de vinculação e separação (Fleming, 1997), desde que estas sejam vividas com a segurança de não perder o amor dos pais (Costa, 1999). Por seu turno, também as relações românticas, cenário considerável de crescimento pessoal, a par das relações de amizade, cumprem uma importante função no curso das tarefas desenvolvimentais na adolescência, já que a qualidade das experiências vividas nestas relações pode ser um elemento facilitador ou inibidor do processo de integração identitária (Matos, 2006). No fundo, a vivência do romance, contexto em que geralmente brotam as primeiras experiências sexuais, e, portanto, da sexualidade são, neste período de exploração, tentativas de vencer o desafio e conseguir uma definição de si, projetando no outro as imagens difusas da sua identidade, vendo-as refletidas e cada vez mais clarificadas (Erikson, 1972).

Romance e sexualidade, duas dimensões da existência adolescente normalmente estudadas de forma isolada, são aqui estudados conjuntamente, a par da relação parental nesta etapa do ciclo vital. Nos dois capítulos iniciais, relativos ao enquadramento teórico são apresentadas as três temáticas referidas, namoro, sexualidade e relação pais-filhos na adolescência, focando estudos recentes desenvolvidos na área. No terceiro capítulo, o enfoque recai sobre a metodologia de investigação qualitativa, dado ter sido aquela pela qual se optou para tratar a informação, cuja análise está exposta no capítulo seguinte. Por último, encontra-se uma súmula dos resultados da análise do discurso dos participantes, bem como uma perspetiva reflexiva dos mesmos, relevando-se os possíveis contributos para a prática.

CAPÍTULO I

RELAÇÕES ROMÂNTICAS E SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA

“Cada amor que se vive é único e, como tal, deve ser respeitado, muito particularmente na adolescência, porque perder uma relação de amor é muitas vezes como perder parte de si, uma sensação de amputação de algo muito importante, um escolho na construção da identidade que nessa altura se faz.”

(cit in Costa, 1999, p. 59)

Com a chegada da adolescência aumenta substancialmente o grau de contacto com o outro sexo (Furman & Shaffer, 1999), irrompendo assim novas formas de relacionamento, sendo as redes sociais dos adolescentes caracterizadas pela posição de vanguarda dos pares, que cumprem cada vez mais funções, e pela emergência das relações românticas (Connolly, Furman & Konarski, 2000). Num momento inicial, o reconhecimento e admiração do outro dependem das suas características mais exteriores, como o aspeto físico, o vestuário e a popularidade no grupo, mas, posteriormente, é dada maior importância às características de nível interno e psicológico (Costa, 1999). Com efeito, nas relações com esses novos elementos, os autores revelam que os próprios adolescentes fazem a necessária discriminação entre amizades e relações heterossexuais (Connolly, Craig, Goldberg & Pepler, 1999). Sujeitos de um estudo levado a cabo pelos autores referenciados caracterizaram as amizades com o sexo oposto em termos de afiliação, enquanto as relações românticas foram descritas em termos de afiliação e paixão, aproximando-se da visão dos adultos, na medida em que também para estes a paixão é o traço diferenciador das relações amorosas (Connolly et al., 1999). Contudo, esta distinção não deixa de ser um dilema, quer para teóricos, quer para os adolescentes. Darling, Dowdy, Van Horn e Caldwell (1999, in Furman & Shaffer, 1999), com base em entrevistas realizadas, sugerem que os adolescentes, dependendo dos momentos do seu desenvolvimento, recorrem a uma linguagem diferente para descreverem os mesmos comportamentos ou relações, ou seja, a título de exemplo, o significado de dizer que alguém namora altera-se do 6º para o 8º ano de escolaridade. Costa (1999) refere que os adolescentes, neste processo de construção relacional, definem hierarquias curiosas, desde o “curtir”, o “andar com” até ao “namorar”, sendo que cada uma delas dá resposta a diferentes necessidades desenvolvimentais, revestindo-se, não raramente, de importância para uma ascensão dentro do grupo de pares (Marques, 2006).

O namoro, tantas vezes eclodindo na adolescência, tipicamente no seio do grupo de pares, palco propício para que este emerja (Furman, 2002), é o encontro entre duas pessoas que vivem o fascínio da descoberta mútua. Esta descoberta faz-se muitas vezes

acompanhar de incertezas, dúvidas e dificuldades em compreender a linguagem dos seus sentimentos e dos do outro. Assim, muitas vezes incompreendidos pelos adultos, tanto é possível cruzarmo-nos com adolescentes que ora têm hoje uma grande paixão e amanhã outra, sendo ambas de grande importância, como podemos ver outros que se envolvem profunda e exclusivamente na relação de namoro, que abandonam tudo o que até aí tinha interesse para si, esquecendo-se de viver experiências necessárias e estruturantes para o seu desenvolvimento enquanto adolescentes (Costa, 1999).

Nos trilhos percorridos entre a pré-adolescência e a jovem adultez, as relações românticas assumem um papel cada vez mais central no mundo social do indivíduo, tornando-se o par romântico, para alguns, a fonte suprema de apoio (Furman, 2002). Inicialmente, os adolescentes perspetivam o relacionamento romântico como uma oportunidade para recreação, experimentação sexual e obtenção de estatuto, não sendo de todo esperado encontrar nestes namoros todas as funções que são obtidas nas relações românticas adultas (Connolly, Goldberg & Pepler, 1999; Feiring, 1996, Roscoe, Diana & Brooks, 1987, *in* Bouchey & Furman, 2003). Com efeito, se na adultícia as relações românticas têm papéis essenciais nos sistemas de vinculação, de *caretaking*, sexual e afiliativo, na adolescência, por seu turno, é esperado que os sistemas sexual e de afiliação sejam os mais importantes (Furman & Shaffer, 1999). No fundo, ter um namorado(a) na adolescência pode simplesmente assumir mais importância do que a natureza da própria interação romântica (Furman, 2002), já que, caso se trate de uma figura atrativa ou popular pode ser um meio para ganhar prestígio e o respeito dos pares (Brown, 1999; Furman & Wehner, 1997, *in* Bouchey & Furman, 2003).

Cada vez mais encaradas como um fator relacional potenciador do desenvolvimento e do bem-estar do indivíduo (Furman & Schaffer, 2003; Collins, Welsh & Furman, 2009), a frequência, a natureza e o *timing* das relações que o adolescente desenvolve com o outro sexo diferem de sujeito para sujeito, diversidade associada a múltiplos fatores, como a autoestima, o estatuto no grupo de pares e o género (Furman & Shaffer, 1999). Não obstante toda esta multiplicidade, Brown (1999, *in* Matos, 2006) apresenta um modelo de relações românticas na adolescência. As quatro fases em seguida mencionadas referem-se às motivações e orientações dos sujeitos perante as relações românticas, diferentes consoante as mudanças desenvolvimentais. Deste modo, o autor designa a primeira fase como a iniciação, quando o envolvimento tem como finalidade a inclusão de um parceiro romântico no conceito de si próprio, não havendo propriamente um enfoque na relação em

si. Numa segunda fase, entra no “jogo” o grupo de pares, contexto onde se criam proximidades românticas, mais do que uma relação com um(a) namorado(a) específico. As interações entre os namorados são maioritariamente à distância, não havendo sequer um compromisso claro. Trata-se sobretudo de uma questão de estatuto no grupo, termo que Brown utilizou para nomear a presente fase. Já na terceira fase, a do afeto, o enfoque passa a ser a própria relação, que se prolongou no tempo, estando portanto associada a um maior investimento emocional e sexual por parte dos adolescentes. Por último, na quarta fase, que o autor denominou por ligação, o par romântico começa a projetar a sua relação no futuro.

Se, por um lado, há teóricos que sugerem que as experiências românticas nesta fase de transição influenciam o desenvolvimento da intimidade e da identidade (Furman & Shaffer, 1999; Bouchee & Furman, 2003) e contribuem para o estabelecimento de relações de intimidade com os pares, desenvolvimento da sexualidade, sucesso académico e profissional e para a transformação das relações familiares (Furman & Shaffer (2003), outros há que defendem mesmo a influência destas experiências na natureza das futuras relações íntimas, incluindo a relação de casamento (Erikson, 1968, Furman & Flanagan, 1997, Sullivan, 1953, *in* Bouchee & Furman, 2003).

Ainda que as relações românticas sejam uma dimensão central na abordagem deste período, prolongando-se por todo o ciclo vital (Bouchee & Furman, 2006), no que respeita à investigação no âmbito da adolescência, a sexualidade é contudo a área de eleição, estudada muitas vezes isoladamente do envolvimento romântico, contexto com o qual tanto se relaciona (Matos, 2006). Por conseguinte, são escassos os estudos que atentam no papel das relações românticas no desenvolvimento da sexualidade, já que se tem maioritariamente enfatizado questões como o próprio ato sexual, métodos contraceptivos e gravidez na adolescência (Furman & Shaffer, 2003).

Atingir a capacidade de reprodução é apenas um dos aspetos da sexualidade (Sprinthall & Collins, 2003). Sexualidade ou, mais especificamente, desenvolvimento psicosssexual é sinónimo de complexidade, englobando, de acordo com Menezes (1990), fatores de índole biológica, psicológica, social e cultural, que exercem uma influência recíproca sobre os nossos pensamentos, sentimentos e ações face ao sexo. Não obstante as questões sobre a sexualidade não se circunscreverem à adolescência, neste período lidar com estas questões revela-se particularmente fundamental, já que o adolescente, para ser bem sucedido na tarefa de construção da sua identidade, precisa de integrar e dar sentido aos seus sentimentos, necessidades e desejos, designadamente o desejo sexual e a sua

satisfação (Costa, 1999). Na adolescência, a sexualidade progride de experiências de autoerotismo para interações marcadas pela troca de carícias e beijos com colegas e amigos (GTES, 2007). De facto, é pertinente atentar no papel da sexualidade no processo do indivíduo se tornar adulto, contrariando, tal como defende Katchdourian (1990, *in* Chapman & Werner-Wilson, 2008), as vozes que falam de sexualidade adolescente como um problema.

Construir a sua identidade sexual, numa lógica simultaneamente isolada e inter-relacionada (Rocha, 2009), encontrar o seu próprio sistema de valores, um sentido e significado para a sua sexualidade são tarefas verdadeiramente complexas e desafiantes para o adolescente, dada a multiplicidade de mensagens, tantas vezes inconsistentes (Garbarino, 1985 *in* Rocha & Duarte, 2010), veiculadas pela família, escola, grupo de pares e pelos meios de comunicação social, que tem que considerar e integrar (Costa, 1999; Chapman & Werner-Wilson, 2008). Perante o aumento drástico da informação recolhida durante a adolescência, quer pelo maior interesse do próprio indivíduo por estas temáticas, quer pelo facto das expectativas dos contextos que o rodeiam em relação a esta etapa do ciclo vital se traduzirem numa maior disponibilidade de informação (Menezes, 1990), Bukowski, Sippola & Brender (1993, *in* Furman & Shaffer, 2003) advogam que o desenvolvimento de um sentido de sexualidade tem que passar por compreender os papéis pessoais e as relações com o outro; perceber as novas formas e potencialidades do corpo; ser capaz de integrar os sentimentos e comportamentos eróticos; ter conhecimento dos padrões sociais e, por último, conhecer o processo reprodutivo.

Com efeito, compreender a emergência da sexualidade entre os adolescentes é algo que se adivinha difícil, dado o facto de esta ser determinada não apenas pelas transformações pubertárias, mas também pelas expectativas sociais e culturais e pelos padrões de comportamento aprendidos. Desta forma, é de destacar a pertinência de ler a sexualidade adolescente a partir de uma lógica ecológica e sistémica, já que nos mais diversos sistemas ecológicos, encontram-se os agentes de socialização sexual, que transmitem informação relativa à sexualidade quer digital e analogicamente, quer formal e informalmente, e as fontes de informação (Rocha & Duarte, 2010). Por outras palavras, importa considerar a sexualidade do adolescente num contexto inclusivo de experiências de aprendizagem social, de expectativas e papéis com os quais o indivíduo se confronta na transição para a vida adulta, de pressões de ordem social ou biológica (Sprinthall & Collins, 2003).

Tracy, Shaver, Albino e Cooper (2003), numa amostra de adolescentes americanos, entre os 13 e os 19 anos, procuraram relacionar padrões de vinculação com sexualidade adolescente. Assim, os autores concluíram que adolescentes com um padrão de vinculação ansioso, tendem a desenvolver namoros e experiências sexuais marcadas pelo medo da rejeição e do abandono, iniciando a sua vida sexual mais precocemente. Por seu turno, as relações românticas e sexuais de adolescentes com um padrão de vinculação evitante refletem o seu desconforto com a intimidade e a sua inaptidão para criar laços fortes com o outro. Nestes casos, o início da vida sexual resulta muitas vezes precisamente do desejo de ter a primeira relação sexual. Finalmente, adolescentes com um padrão seguro de vinculação propendem a visões mais positivas de si e dos outros, resultando num maior sentido de competência sexual e num maior conforto perante relações íntimas. Assim, a sua vida sexual tende a ser mais aprazível, sendo menos provável experienciarem, enquanto vítimas ou agressores, situações de agressão sexual.

De qualquer forma, a primeira relação sexual é genericamente um passo importante na conquista de autonomia, permitindo ao adolescente aprender um estilo de comportamento com o outro não somente do ponto de vista sexual, mas também do ponto de vista social. Em termos de comportamento sexual, os indivíduos podem enquadrar-se em diferentes padrões, espelho de distintos valores face à sexualidade. Abstinência, permissividade com afeto, permissividade sem afeto e padrão duplo são os quatro padrões discriminados na literatura (Menezes, 1990). Uma publicação recente refere que a desvinculação do ato sexual do casamento e o decréscimo claro da idade de iniciação sexual não refletem, contudo, a entrada num estado irrestrito de permissividade. Neste sentido, a primeira relação sexual é atualmente associada, por um lado, a uma norma etária de grupo e, por outro, a uma norma relacional, isto é, além de tender a ocorrer num intervalo de tempo mais estreito do que anteriormente, em torno de uma idade média, considera-se, usualmente, que deve desenvolver-se no contexto de uma relação romântica (Ferreira, 2010).

Em suma, é certo que, desde o nascimento, o indivíduo vai construindo a sua sexualidade, fruto da interação de múltiplos agentes de socialização, das experiências de vida e das pressões sociais. Diversas teorias e estudos empíricos têm revelado que os pais são importantíssimos agentes de socialização sexual, desempenhando a relação parental um papel crucial neste processo (Somers & Vollmar, 2006).

CAPÍTULO II

RELAÇÃO PAIS-FILHOS NA ADOLESCÊNCIA

“Não é fácil ver um filho crescer e menos fácil ainda é sentir que o seu amor é agora partilhado com outro.”

(cit in Costa, 1999, p. 64)

O adolescente vivencia um paradoxo marcado pelo medo e o desejo de crescer. Se, por um lado, o medo desperta a sua necessidade de dependência, o desejo de crescer puxa-o para a autonomia emocional, comportamental e de valores, autonomia essa que assegura a construção da sua identidade (Fleming, 2005), sendo que os diversos contextos relacionais em que vai participando se revelam oportunidades cruciais para o bem-estar e desenvolvimento de qualquer indivíduo (Noack & Buhl, 2004). A relação com os pais, considerada não apenas o primeiro grupo onde a criança vai crescendo e estruturando a sua personalidade, mas também o contexto fonte de proteção, carinho e amor e de respostas adequadas às suas necessidades básicas (Bayle, 2005), é a nossa primeira fonte de amor, funcionando a qualidade deste contacto afetivo nos primeiros anos de vida como alicerce para a construção de relações futuras com outros, como irmãos, amigos, namorados (Costa, 1999). No fundo, a partir da história das vinculações com figuras significativas, o indivíduo vai construindo expectativas para relações posteriores com outros e aprendendo estratégias de regulação emocional perante relações de proximidade (Costa & Matos, 2006).

Chegado o final da infância passamos a procurar os pares, atores mais parecidos em estatuto connosco. Estes, ainda que com um papel fundamental no processo de nos tornarmos diferentes, não assumem de imediato a mesma importância que os pais têm nas nossas vidas, sendo que muitos jamais a assumirão (Rocha, 2008). Assim, a entrada na adolescência, etapa durante a qual os filhos crescem e começam a ensaiar os primeiros passos da vida adulta (Marques, 2006), desafia o sistema familiar para a mudança (Fleming, 2005), impondo-se, ao longo deste período do ciclo vital, a necessidade de alterações qualitativas nas relações que os adolescentes mantêm com os pais, já que os processos de exploração de si e dos outros, de construção da identidade e de procura de autonomia reivindicam essas alterações. A literatura preconiza a impossibilidade de pensar esta etapa sem a conceber como um tempo de grandes mudanças em que todos se tornam, de alguma forma, novidade para os restantes, impondo um permanente equilíbrio entre as exigências do sistema familiar e as aspirações de cada membro da família (Alarcão, 2006).

Não se considerando que exista uma desvinculação no sentido de corte relacional, é certo que as relações de vinculação sofrem alterações, passando de um funcionamento até aí assimétrico, para um funcionamento de mutualidade (Rocha, 2008). Algumas perspectivas teóricas sugerem mesmo que o aumento da autonomia e o processo de individuação durante esta etapa conduzem a um enfraquecimento da proximidade entre pais e filhos, bem como a um aumento das situações de conflito, embora pareçam ser poucos os efeitos negativos destes episódios na relação, e, gradualmente, a um poder semelhante (Collins & Laursen, 2004). Neste contexto, as relações de amizade oferecem uma compensação essencial para estes reajustamentos que tomam lugar no seio familiar (Costa, 1999), onde adolescentes buscam novos papéis e novas hierarquias na regulação do poder parental. Desejoso de continuar a sentir-se protegido pela família e manter a sua vinculação aos pais, o adolescente experimenta, porém, a vontade de aumentar os seus comportamentos exploratórios fora da esfera e do controlo dos pais (Fleming, 2005).

Independentemente de todas estas alterações, a investigação parece contudo revelar que as tarefas centrais da adolescência coexistem com a manutenção da qualidade da relação parental, sendo até referido que muitas mudanças na relação a que nos reportamos espelham a diminuição da dependência dos progenitores, ao invés de significarem uma erosão na importância deste contexto relacional (Collins & Laursen, 2004). Ainda que sejam claros os altos níveis de tensão na relação pais-filhos pela altura da adolescência destes e as teorias do desenvolvimento adolescente confirmam um papel central ao aumento do conflito nas relações parentais, denunciando ajustamentos em termos de papéis, direitos e responsabilidades no seio familiar, Furman e Buhrmester (1992, *in* Noack & Buhl, 2004), num estudo que contou com a colaboração de sujeitos com idades compreendidas entre os nove e os dezanove anos, patenteiam que mesmo na adolescência os filhos continuam a descrever o pai e a mãe em termos absolutamente favoráveis, havendo, não obstante todas as alterações que se impõem ao nível dos padrões de interação, emocionais e cognitivos, uma continuidade considerável entre as características positivas da sua relação durante a adolescência e as precedentes (Collins & Laursen, 2004).

Uma investigação levada a cabo por Connolly e Johnson (1996, *in* Rocha, 2008) com 1409 adolescentes procurou perceber até que ponto as relações amorosas se associavam, na adolescência, a outras relações. Das múltiplas conclusões a que os autores chegaram destaca-se o facto de existir uma continuidade considerável entre a qualidade das relações com os pais e com os pares e a relação amorosa. De facto, em termos de

associações entre contextos relacionais significativos no período da adolescência, a evidência empírica parece observar maior associação entre pais e contexto de pares do que entre pais e par amoroso. Contudo, com a aproximação da adultícia parecem ganhar força as associações entre a qualidade da relação com os pais e o par amoroso (Rocha, 2008).

Com efeito, também outros teóricos, como Furman e Wehner (1997, *in* Costa & Matos, 2006), consideram que, à medida que os sistemas de vinculação e de prestação de cuidados conquistam maior importância no seio da relação amorosa, maior probabilidade há de se verificar influência da relação parental, contexto onde estes sistemas foram ativados de forma mais significativa. Conclui-se então que a influência dos pais se fará sentir mais nas relações românticas do final da adolescência. Numa amostra portuguesa, Costa e Matos (2006) concluíram também a existência de associações significativas entre a vinculação aos pais e a vinculação aos pares, em particular ao par amoroso, destacando a relevância de uma vinculação segura às figuras parentais, como prevenção do amedrontamento na relação com os pares. Nesse estudo, as autoras revelam ainda que no caso de o adolescente ser capaz de integrar as experiências familiares de grande carga emocional, descobrindo um sentido para a sua relação com a família, os relacionamentos com os pares tendem a ser mais seguros. De outro modo, quando não consegue compreender, integrar e dar sentido aos acontecimentos que o ligam às figuras parentais, o adolescente tem tendência a estabelecer relações mais amedrontadas com os pares, incluindo o par romântico.

Uma outra linha de investigação tem procurado relacionar características da família e práticas parentais com as experiências românticas e sexuais dos filhos adolescentes. Desde cedo, teóricos da vinculação afirmaram que as experiências vividas na infância, no contexto da relação com os prestadores de cuidados, fomentam modelos do *self* e de funcionamento de relações que são transportados e servem de guias para subsequentes relações ao longo da vida (Bowlby, 1973, *in* Bouchey & Furman, 2003). Nesta linha de pensamento, é esperado que crianças com um padrão de vinculação seguro venham a desenvolver relações românticas mais saudáveis enquanto adolescentes e jovens adultos (Kan, McHale & Crouter, 2008). Por seu turno, as teorias da socialização insinuam que é no contexto das experiências com os pais que as crianças aprendem modelos de comportamento nas relações com os outros. Assim, prevê-se que o afeto e o controlo dos pais, por exemplo, promovam nas crianças competências para desenvolverem relações íntimas bem sucedidas (*idem*).

Segundo Darling & Steinberg (1993, *in* Kan et al., 2008), as práticas parentais emergem no contexto do clima emocional da relação pais-filhos, considerando que, não estando diretamente ligadas, a qualidade dessa relação é moderadora do efeito das práticas parentais nos adolescentes. Baseando-se nesta ideia, Kan et al. (2008) levaram a cabo um estudo com o intuito de analisar o impacto do envolvimento parental nas relações românticas do final da adolescência (17 anos), como função da qualidade da relação pais-filhos no início da adolescência (13 anos). Os autores tentaram então descrever o envolvimento parental nas relações românticas dos filhos adolescentes, analisar a qualidade da relação pais-filho adolescente aos 13 anos como preditiva do envolvimento parental no final da adolescência (17 anos) e, por último, avaliar o envolvimento parental e o papel moderador que a qualidade da relação parental inicial desempenha nas experiências românticas mais tardias da adolescência. Assim, os resultados sugerem que, ainda que as mães sejam mais apoiantes e os pais mais restritivos no envolvimento nas relações românticas dos filhos, na verdade a correlação entre esse envolvimento e o romance adolescente não é significativa. Para além disso, fica a ideia de que a qualidade da relação pais-filhos no início da adolescência é um importante contexto para o envolvimento futuro destes nas relações de namoro da sua prole adolescente. Basicamente, o presente estudo insinua que as interações entre pais e adolescentes envolvendo as relações românticas não são completamente reduzíveis à qualidade da relação.

No fundo, a adolescência acaba por ser uma fase de transição familiar e não apenas do adolescente. Os envolvimento românticos do adolescente e a vivência da sua sexualidade promovem o crescimento do próprio, mas também o crescimento da família em que este se insere (Matos, 2006). Não negando o orgulho que sentem vendo os filhos crescer, os pais experienciam nesta fase, por um lado, medo que os *seus* adolescentes despendam todo o seu tempo e se esqueçam dos próprios progenitores ou da escola, e por outro, a dificuldade de imaginar a sua prole com um corpo sexuado e uma vida sexual ativa (Costa, 1999).

2.1. Comunicação entre pais e filhos acerca de namoro e sexualidade na adolescência

É certa a necessidade de assegurar afeto e aceitação e, simultaneamente, ser assertivo no que respeita a regras, normas e valores, mostrando-se disponível para ouvir, explicar e negociar (Marques, 2006), mas ter um filho no contexto social atual é ainda mais

complicado, dado o nível de perfeição que parece ser exigido quer a pais, quer a filhos, quer à relação que estabelecem entre si (Bayle, 2005). A respeito das relações românticas e sexualidade na adolescência, a investigação tem vindo a sugerir a influência de múltiplos aspetos da relação parental, particularmente, da proximidade entre os progenitores e a criança, das atitudes e valores dos pais relativamente ao comportamento sexual adolescente e da comunicação entre pais e filhos (Eisenberg, Sieving, Bearinger, Swain & Resnick, 2006), parecendo ser esta última mais uma tarefa exigente da parentalidade e, seguramente, um processo social complexo (Miller, Fasula, Dittus, Wiegand, Wyckoff & McNair, 2009). À responsabilidade de Somers e Vollmar (2006) ficou uma investigação que tentou medir a perceção que os 672 adolescentes americanos da amostra tinham da sua proximidade às figuras parentais, do número de conversas sobre sexualidade que desenvolviam com os pais, do próprio conforto que experienciavam nessas conversas e das atitudes e comportamentos sexuais dos adolescentes. Assim, o presente estudo permitiu compreender o modo como todas estas variáveis em conjunto com a relação parental se revestem de enorme importância nas vidas dos adolescentes, sugerindo a necessidade de facilitar conversas de cariz sexual nos esquemas relacionais familiares.

Consideradas figuras chave enquanto educadores primários de sexualidade, sendo a família encarada como o “espaço emocional singular para o desenvolvimento de atitudes e comportamentos saudáveis na área da sexualidade” (*cit in* GTES, 2007, p. 5), considera-se que a conversação entre pais e filhos em torno destes domínios do desenvolvimento é um meio privilegiado de transmissão de valores, crenças e expectativas, que permite aos progenitores adequarem a informação que providenciam, tendo em conta o nível de desenvolvimento físico, emocional e psicológico do seu filho em particular, bem como os seus contextos sociais e circunstâncias de vida (Eisenberg et al., 2006). Ainda que as opiniões sejam dissonantes relativamente ao impacto que as conversas sobre sexualidade entre pais e filhos têm no comportamento sexual do adolescente, já que uns estudos concluíram uma tendência para o adolescente retardar o início das suas experiências sexuais, enquanto outros descobriram a tendência antagónica (Sneed, 2008), a investigação preconiza igualmente que a comunicação parental frequente, num estilo aberto, recetivo, interativo e confortável em torno destas temáticas está associada a menor quantidade de comportamentos de risco por parte dos filhos (Miller et al., 2009; Eisenberg et al., 2006), o que deixa adivinhar a influência não apenas da frequência dessas conversas, mas também do estilo, conteúdo, género e idade do adolescente e do *timing* em que são abordadas,

revelando-se mais eficaz a discussão destas temáticas antes do indivíduo iniciar a atividade sexual, numa lógica preventiva. Contudo, num estudo realizado por Eisenberg et al. (2006) percebe-se que a maioria dos progenitores conversa mais sobre tópicos relativos à sexualidade quando acreditam que a sua prole estará envolvida num relacionamento romântico, perdendo, não raras vezes, a oportunidade de encorajar comportamentos seguros e saudáveis. Na verdade, ainda que os progenitores assegurem estar certos da importância de educar a sua prole quanto às questões da sexualidade e apesar dos adolescentes estarem convictos da sua vontade para falarem com os pais acerca dessa temática, as discussões parecem manter-se limitadas e fonte frequente de desconforto (Schouten, Putte, Pasmans & Meeuwesen, 2007). No entanto, uma análise longitudinal, levada a cabo nos Estados Unidos da América, patenteou uma alteração do conteúdo destas conversas. À medida que o adolescente enceta num namoro ou num comportamento sexual ativo, o conteúdo dos diálogos passa de meras proibições e prescrições, para a discussão de questões sobre relacionamentos reais e em curso, acompanhada de auto-revelações cada vez mais recíprocas, o que é mais evidente próximo da adultez emergente, período durante o qual persiste, porém, o duplo-padrão sexual que a investigação refere a propósito da comunicação parental em torno destas temáticas. Saliente-se que estas mudanças são associadas sobretudo à relação progressivamente mais igualitária entre pais e filhos (Morgan, Thorne & Zurbriggen, 2010).

Em torno destas temáticas, a literatura aponta como facilitadores das discussões em família o nível de conhecimento e competência dos pais e a sua sensibilidade, enquanto aponta o embaraço, o desconforto na abordagem destes temas (Miller et al, 2009) e o receio de que estejam assim a incitar o comportamento sexual do adolescente (Fitzharris & Werner-Wilson, 2004) como barreiras, enfatizando ainda as normas culturais e as crenças e valores pelos quais se rege a família (Rouvier, Campero, Walker & Caballero, 2011). Neste sentido, remetendo para a realidade portuguesa, num estudo qualitativo realizado com participantes lusos em torno do panorama nacional da educação sexual, os pais perscrutados salientaram não se sentirem preparados para abordar estas questões com os filhos adolescentes, devido quer à falta de informação, quer às dificuldades de comunicação que sentem de ambas as partes, considerando, no entanto, passar o seu papel por orientar/supervisionar e constituir um modelo positivo para a sua prole (Rocha & Duarte, 2010).

CAPÍTULO III

METODOLOGIA

3.1. Enquadramento Metodológico do Estudo

O presente estudo tem como objeto a relação entre pais e filhos na adolescência, designadamente a forma como é entendido e vivenciado o romance e a sexualidade adolescente, quer pelos próprios adolescentes, quer pelos pais. Integrado num grupo de pares e explorando este novo mundo, repentinamente o adolescente anuncia à família que vive uma relação romântica e surge mais uma vez um dilema para os pais. De facto, se sentem alegria por perceberem que o filho tem crescido de uma forma saudável, é difícil esconderem a tristeza por verem o seu amor partilhado com alguém exterior (Costa, 1999), que, por vezes, nem sequer é do seu agrado. Na realidade, o envolvimento romântico adolescente não é indiferente para as figuras parentais, que vivem de perto múltiplos medos e receios associados não unicamente ao sentimento de perda, mas a diversas áreas, como a sexualidade.

Do ponto de visto empírico, ainda que já muito tenha sido estudado em torno da sexualidade e das relações românticas na adolescência, têm sido negligenciadas as tentativas de compreender as perceções e experiências dos adolescentes nestes domínios e as transições nas experiências românticas durante este período chave do desenvolvimento (Montgomery & Sorell, 1998), bem como a preocupação com o modo como estas temáticas influenciam os comportamentos, as atitudes e os significados atribuídos pelos pais ao relacionamento com os filhos (Matos, 2006).

O processo de reorganização das ligações emocionais entre filhos adolescentes e figuras parentais é dinâmico e bidirecional. Na realidade, a tentativa de separação do adolescente de modelos anteriores deve então ser entendida atentando não apenas nas tarefas desenvolvimentais que desafiam o indivíduo nessa fase de transição, mas também nas tarefas realizadas pelos pais, destacando-se o equilíbrio entre generatividade e estagnação (idem). Se os adolescentes enfrentam a descoberta de um mundo social e relacional cada vez mais complexo e desafiante, também os pais se defrontam com tarefas e desafios que para si são novidade. Por um lado, a necessidade de permitir que os filhos explorem e cresçam normativamente, por outro, o medo de os perder. Assim, adivinha-se interessante perceber qual o impacto que a vivência da relação romântica e da sexualidade adolescente tem na relação pais-filhos, ouvindo, por um lado, a perspetiva dos adolescentes e, por outro, a perspetiva dos seus pais, até porque talvez esse impacto dependa também dos significados que os próprios pais constroem sobre as experiências românticas da adolescência.

O estudo aqui apresentado tem como objetivos primordiais: *i.* aceder à conceptualização de relação romântica e sexualidade na adolescência, quer dos próprios adolescentes, quer dos pais; *ii.* explorar a forma como pais e adolescentes perspetivam o impacto que a vivência do romance e da sexualidade adolescente têm na sua relação; *iii.* compreender como os participantes dos grupos se posicionam relativamente à comunicação entre pais e adolescentes acerca destas temáticas, nomeadamente no que concerne à quantidade e conteúdo desses momentos de diálogo; *iv.* conhecer em que medida as perspetivas dos adolescentes e dos pais e, mais especificamente, dos adolescentes que no momento namoram e que não namoram, diferem entre si; *v.* aprofundar quais as fontes reais e desejadas dos conhecimentos e aprendizagens sobre namoro e sexualidade; *vi.* apurar de que forma adolescentes e pais se percecionam em mudança nesta etapa do ciclo vital, tanto a nível pessoal como interpessoal; *vii.* despertar para a importância do diálogo em família em torno destas questões; *viii.* contribuir para a promoção do pensamento crítico em torno do tema central do estudo, passível de despoletar no contexto do método de recolha de dados pelo qual se optou.

3.2. Metodologia de Investigação Qualitativa

Dando especial ênfase aos processos, padrões de significado e traços estruturais, a metodologia qualitativa, especialmente útil quando o desígnio passa por explorar e descobrir mais acerca de determinada questão parcamente estudada (Morgan, 1998b), tem vindo a contribuir para um melhor conhecimento das realidades sociais, tentando contemplar e descrever o mundo quotidiano do ponto de vista dos sujeitos que o integram (Flick, Kardoff & Steinke, 2000). Amplamente utilizada por estudiosos das Ciências Sociais, sobretudo a partir dos anos 70 (Tesch, 1995), é hoje uma metodologia em crescimento, aplicada em cada vez mais domínios de investigação (Flick et al. 2000), permitindo aceder à complexidade idiossincrática associada à existência humana. Por conseguinte, no projeto de cariz exploratório desenvolvido, tentando perceber a particularidade dos significados atribuídos por pais e filhos à vivência do romance e da sexualidade adolescente, optou-se por uma metodologia qualitativa, utilizando-se os grupos de discussão focalizada como método de *self-contained*, visto que será usado como meio singular de recolha de informação (Morgan, 1997). Acrescenta-se ainda que, almejando explorar uma questão sobre a qual pouca investigação se tem debruçado, em

busca de uma compreensão mais rica das experiências dos participantes, justifica-se também a opção por uma abordagem menos estruturada (Morgan, 1998a). Provavelmente, os adolescentes e pais que se encontrarão nos grupos já pensaram acerca destas questões prementes da adolescência e do impacto que tal poderá ter na sua relação. Todavia, é também muito provável que nunca tenham pensado profundamente acerca do assunto, com oportunidade para partilhar e comparar ideias com outros em situação idêntica e para gerar novos *insights*.

3.2.1. Procedimento de recolha da informação: grupos de discussão focalizada

Forma única de “ouvir as pessoas e de aprender com elas” (Morgan, 1998b, p. 9), os grupos de discussão focalizada, constituídos geralmente por seis a dez participantes, discutem tópicos focados num determinado tema. Acima de tudo, trata-se de uma opção metodológica do domínio qualitativo, em que a cargo dos investigadores fica a seleção dos tópicos e a capacidade de focalizar a discussão nesses assuntos, enquanto os participantes dos grupos fornecem os dados para análise (Morgan, 1998b). Na verdade, a interação grupal, encorajada pelo moderador, é explicitamente usada para gerar a informação posteriormente analisada e interpretada, traço que, de forma nítida, distingue os grupos de discussão focalizada da mais ampla categoria das entrevistas em grupo (Kitzinger & Barbour, 1999). Flick (1998) acrescenta que o uso de dinâmicas de discussão em grupo é considerado adequado particularmente quando o tema pode ser um pouco tabu e, por isso, com frequência evitado. Aliás, outros autores referem que os sujeitos partilham mais facilmente experiências pessoais num contexto de investigação em grupo do que num contexto diádico (Morgan & Krueger, 1993; O’Brien, 1993; Carey, 1994; Kitzinger, 1994, 1995 *in* Farquhar, 1999).

Ainda que com um guião previamente preparado (cf. Anexos 1, 2 e 3) a partir da pesquisa teórica realizada e brevemente resumida nos capítulos I e II e, neste caso, tendo por base os princípios estruturais preconizados por Krueger (1998), que sugerem uma questão de abertura à qual se seguem questões mais introdutórias, outras de transição, questões chave e questões finais, os grupos de discussão focalizada permitem uma flexibilidade considerável na ordem e na forma como os tópicos são lançados (Morgan, 1998b). Deste modo, o papel do moderador, com um guião composto essencialmente por questões abertas, consistirá em facilitar o discurso, convidar o grupo a explorar o tópico e

encorajar os participantes à partilha de pensamentos e sentimentos, dando azo a discussão e a novos *insights*. Se, por um lado, se dará liberdade ao grupo para seguir os seus próprios interesses, por outro caberá ao moderador levá-lo a abordar os tópicos que interessam à equipa de investigação, sabendo-se que grupos menos estruturados não são nunca sinónimo de não focalizados (Morgan, 1998a).

3.2.2. Constituição e caracterização dos grupos

Após uma primeira fase de planeamento, centrada na conceptualização do estudo e no desenvolvimento das questões primárias de investigação, e concluído o desenho metodológico do estudo, bem como os guiões de discussão dos grupos a serem realizados, pré-testados com duas díades de adolescentes e três pais, foi dado início a uma caminhada de recrutamento de participantes para os momentos de conversação. Ainda que tenha sido um processo algo moroso, a abertura e colaboração do órgão diretivo de uma escola secundária do concelho de Matosinhos permitiu-nos rápido acesso a turmas de alunos com as idades pretendidas, tendo sido perscrutados alunos do Ensino Secundário. Tendo presente a relevância dos procedimentos éticos e legais foram, inicialmente, dados a conhecer os guiões de discussão ao órgão máximo da escola, sendo, num plano posterior, pedida autorização aos encarregados de educação para que os seus filhos participassem no estudo, informando-os acerca das finalidades da investigação e da garantia de anonimato sobre os dados recolhidos (cf. Anexo 4). Quanto ao grupo de pais, optou-se por recorrer a progenitores de um grupo de adolescentes já organizado.

Como preceitua Morgan (1998b), para um adequado funcionamento dos grupos de discussão focalizada é importante que o que interessa à equipa de investigação, seja igualmente interessante para os participantes dos grupos. O presente estudo contou com três grupos de discussão focalizada, dois compostos por adolescentes, preferencialmente com idades compreendidas entre os 17 e os 18 anos, e um outro composto por pais de adolescentes com as idades identificadas. Os participantes dos grupos, a quem foi assegurado total anonimato, foram então selecionados de acordo com os objetivos do projeto, devendo referir-se que se tratou de uma amostra intencional e por conveniência. Na tentativa de conseguir a homogeneidade intra-grupal (Morgan, 1998a), atentou-se, para a composição dos grupos, a características como, no caso dos grupos de adolescentes (Grupo de Adolescentes 1 – GA1 e Grupo de Adolescentes 2 – GA2), o género, a idade e o

estado civil, ou seja, se atualmente se encontram ou não numa relação de namoro e, no que respeita ao grupo de pais (Grupo de Pais - GP), a composição da família, nomeadamente se têm filhos adolescentes entre os 17 e os 18 anos de idade (cf. Anexo 5). Contudo, esperava-se heterogeneidade no que respeita às atitudes de cada participante, bem como diversidade inter-grupal (Morgan, 1998a), devendo assim destacar-se que foram aglomerados os adolescentes que têm atualmente uma relação de namoro e os que não têm em grupos distintos. De acordo com Kitzinger (1994 *in* Kitzinger & Barbour, 1999), ainda que agrupar participantes que partilhem uma experiência idêntica seja mais produtivo, as diferenças entre os participantes são muito enriquecedoras para a conversação.

Os momentos de discussão focalizada decorreram em locais livres de interrupções e protegidos da observação de elementos não participantes na investigação, tendo-se desenvolvido os grupos dos adolescentes no próprio contexto escolar que frequentam.

3.2.3. Procedimento de tratamento da informação recolhida: análise de conteúdo

Com uma história que nos reporta sobretudo aos inícios do século XX (Bardin, 1979; Mayring, 2000), muito associada a material jornalístico, a análise de conteúdo designa, preconiza Bardin (1979, p. 38), “um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”. Através destes procedimentos de descrição do conteúdo dos momentos de discussão, previamente transcritos na íntegra a partir da gravação áudio efetuada, forma mais comum de converter conversações em informação passível de análise (Morgan, 1998b), são inferidos e interpretados os conhecimentos que daí emergem. No presente estudo, uma vez ser de natureza exploratória, a análise de conteúdo teve uma função essencialmente heurística enriquecendo essa exploração e aumentando a propensão à descoberta (Bardin, 1979), tendo sido a análise categorial a técnica específica utilizada. Numa fase inicial, designada pré-análise, foram seleccionados e organizados os dados, procedendo-se à transcrição integral dos grupos de discussão focalizada, incluindo algumas informações acerca da linguagem analógica. Posteriormente, já na exploração do material, foram realizados os procedimentos de codificação, transformando e agregando o discurso em categorias e subcategorias (cf. Quadro 1), terminando com o tratamento dos resultados, inferência e interpretação, exposta no capítulo subsequente. Importa relevar que é anunciada somente uma única versão de sistema de categorias e subcategorias para ambos

os grupos de adolescentes, porque apenas a partir destas unidades segmentadas é que os elementos de codificação diferiram entre os dois grupos (GA1 e GA2).

GRUPO DE PAIS (GP)	Categoria	Subcategoria	Definição
	Namoro na Adolescência: Conceptualização	Natureza	Representação dos pais acerca do namoro adolescente, na atualidade
		Funções	Funções que o namoro cumpre na vida do adolescente
		Impacto no Adolescente <i>(na perspetiva dos pais)</i>	Impacto exercido pela vivência do namoro no adolescente
		Papel Parental	Papel desempenhado pelos pais relativamente ao namoro adolescente
	Sexualidade na Adolescência: Conceptualização	Natureza	Representação dos pais acerca da sexualidade adolescente, na atualidade
		Manifestação	Momento e contexto em que a sexualidade é/deveria ser manifestada
		Acesso à Informação	Principais fontes de informação acerca da sexualidade
	Conversar sobre Namoro e Sexualidade na Adolescência	Fontes desejáveis	Figuras/entidades com quem os adolescentes deveriam conversar sobre estas temáticas, na opinião dos pais
		Reações dos Pais	Reação provável dos pais, caso a prole adolescente tomasse a iniciativa de conversar com eles
		Papel Parental	Clivagem entre o aquelas que os pais consideram ser as suas funções na teoria e aquelas que desempenham na prática
		Constrangimentos	Barreiras ao diálogo entre pais e filhos em torno destas temáticas
	Cenário Relacional na Adolescência	Entrada para a Adolescência	Forma como foi sentido pelos pais o período de transição para a adolescência dos filhos
		Relação Parental	Mudanças percecionadas na relação parental
	Namoro, Sexualidade e Relação Pais-Filhos	Relação de Namoro	Impacto da vivência da relação de namoro na relação parental
		Sexualidade	Impacto da partilha com os pais do início da vida sexual, ao nível da relação parental
		Transição	Perceção quanto ao facto deste ser um período de transição para pais e/ou prole adolescente

GRUPOS DE ADOLESCENTES (GA1 e GA2)	Namoro na Adolescência: Conceptualização	Natureza	Representação acerca do namoro adolescente na atualidade, incluindo a comparação com outras formas de interação relacional, como curtir/andar
		Funções	Funções que o namoro cumpre na vida do adolescente
	Sexualidade na Adolescência: Conceptualização	Natureza	Representação acerca da sexualidade adolescente, na atualidade
		Manifestação	Momento e contexto em que a sexualidade é/deveria ser manifestada
	Conversar sobre Namoro e Sexualidade na Adolescência	Fontes Reais	Figuras/entidades com quem os adolescentes conversam sobre estas temáticas
		Fontes Reais: Motivos	Motivos pelos quais elegem determinadas figuras/entidades para conversar sobre estas temáticas
		Fontes Desejadas	Figuras/entidades com quem os adolescentes gostariam de conversar sobre estas temáticas
		Fontes Desejadas: Constrangimentos	Barreiras ao diálogo com as fontes desejadas
	Cenário Relacional na Adolescência	Relações de Amizade: Mudanças	Mudanças percebidas nas relações de amizade, durante a adolescência
		Relação Parental	Mudanças percebidas na relação parental durante a adolescência
		Relação de Namoro	Mudanças percebidas na relação de namoro, durante a adolescência
	Namoro, Sexualidade e Relação Pais-Filhos	Relação de Namoro	Impacto da vivência da relação de namoro na relação parental
		Sexualidade	Impacto da partilha com os pais do início da vida sexual, ao nível da relação parental, focando também os motivos que justificam ou não a partilha
		Transição	Perceção quanto ao facto deste ser um período de transição para pais e/ou prole adolescente

Quadro 1: Sistema de categorias e subcategorias

CAPÍTULO IV

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1. Grupo de Pais

Os pais perscrutados no âmbito deste estudo, embora não mantenham relações próximas, conheciam-se previamente, dado os filhos pertencerem ao mesmo grupo do Corpo Nacional de Escutas. Talvez por isso, por serem três díades de casais parentais, ou por outros fatores não ponderados desenvolveu-se uma interessante dinâmica grupal que, avançando naturalmente na discussão, exigiu somente da moderadora a capacidade para direcionar a conversa, de modo a garantir que todos os tópicos de interesse da equipa de investigação fossem abordados.

Questionados quanto à sua **conceptualização de namoro na adolescência**, o grupo enfatizou sobretudo a componente afetiva, considerando haver *“uma partilha de experiências”* (GP_3) que permite ao adolescente experimentar diferentes contextos e relações. Ainda que tenham referido que, do ponto de vista do adolescente, o primeiro namoro é muitas vezes vivido com a ilusão de que durará toda a vida, acreditam que, atualmente, as relações românticas na etapa da vida a que nos reportamos são uma *“coisa passageira”* (GP_6), corroborando a persistência da ideia de que o namoro adolescente se resume a um cenário superficial e efêmero (Matos, 2006), sendo *“difícil ... haver uma relação daquelas, como havia há uns anos atrás, em que conhecemos uma pessoa, casamos com ela, vivemos com ela”* (GP_3). No fundo, resumem as funções das relações românticas na adolescência mencionando dois pontos distintos: *i.* desenvolvimento e descoberta da sua individualidade/identidade, uma vez que *“faz parte do crescimento deles”* (GP_5) e lhes permite *“descobrirem um novo conhecimento ... até deles próprios”* (GP_3); *ii.* aumento das competências de conhecimento e regulação emocional, afirmando que a vivência do namoro *“desperta sentimentos que se calhar até aí eram desconhecidos”* (GP_4) e que, muitas vezes, acaba por ser um fator de estabilidade emocional, havendo alguns pais que narram que, quando o(a) filho(a) iniciou uma relação de namoro *“ficou mais estável emocionalmente ... menos rebelde, menos revoltado”* (GP_1). Na verdade, o discurso desta diminuta amostra de pais de adolescentes é irrepreensivelmente harmónico com o que investigadores têm vindo a teorizar, realçando o papel vital das relações românticas, na medida em que afetam o desenvolvimento do adolescente (Furman, 2002), designadamente a construção da sua identidade, sexualidade, relações familiares e de pares, sucesso académico (Collins, 2003; Furman & Shaffer, 2003) e bem-estar psicológico (Welsh, Grello & Harper, 2003) Também pelo que é supra-apresentado, pelo impacto positivo que acreditam ter no adolescente, por lhes agradar a

ideia de ficarem mais “*caseirinhos*” (GP_5) no período em que namoram, consideram que não só não interferir na relação, como também dar apoio, “*fazer tudo para que as coisas corram bem*” (GP_1), faz parte dos seus papéis enquanto figuras parentais. Ainda assim, remetendo para experiências já vividas enquanto pais, consideram que, muitas vezes, a vivência da relação romântica acaba por ter um impacto negativo na vida do adolescente, contribuindo, por exemplo, para o afastamento dos pares, o que os desvia de experiências necessárias e estruturantes para o seu desenvolvimento (Costa, 2005), descrevendo situações como “*foi tão mau o namoro para ela que do 11º e do 12º ano poucos amigos leva ... porque ele era da mesma turma e era ciumento, ela no intervalo não podia falar com mais ninguém ... nem sequer criou laços de amizade com o resto dos colegas*” (GP_6), destacando a falta de “*respeito pelo espaço do outro*”(GP_2) como motivador destas situações.

No que respeita a **sexualidade**, ainda que não omitam a componente física/sexual, voltam a valorizar essencialmente a componente afetiva, fazendo alusão a dimensões como o afeto e o respeito e considerando que sexualidade “*é mais um despertar de sentidos e de emoções ... e sexo é um bocadinho diferente, apesar de estar ligado a uma relação de namoro*” (GP_3). Na verdade, os próprios pais pensam ser difícil “*distinguir entre sexualidade e sexo*” (GP_5) e, talvez por entenderem ser também essa uma distinção dúbia para os adolescentes [“*muitos deles pensam que sexualidade e namorar se traduz simplesmente em ter sexo*” (GP_5)], revelam alguns receios associados à iniciação sexual dos seus filhos adolescentes. Quando abordado o momento em que a sexualidade se poderá manifestar, o grupo centrou-se somente na ideia de relação sexual. Enquanto um sujeito admite que os seus filhos devam iniciar a sua atividade sexual “*quando acharem que é o momento, que gostam mesmo daquela pessoa*” (GP_6), a maioria confessa-se “*um bocado escandalizada*” (G_1) com a precocidade atual da primeira experiência sexual. Aqui, destacam o papel da família, visto considerarem ser um dos fatores primordiais que pode influenciar a decisão do adolescente [“*acho que tem muito a ver com a formação que eles vão tendo, com a informação familiar, com as conversas que se vai tendo, com a troca de experiências*”(GP_2)].

Percebendo os adolescentes da contemporaneidade “*muito mais informados*” (GP_6), na opinião dos pais, o contexto familiar é o agente de socialização e educação sexual basilar [“*tem mais influência o papel da família*” (GP_6)], o que é, por um lado, condizente com várias teorias e estudos empíricos que ressaltam o valor dos pais enquanto

agentes cruciais de socialização sexual (Somers & Vollmar, 2006), mas, por outro, divergente de estudos que revelam que a família tem um papel mais reduzido enquanto fonte de informação, dado o baixo índice de comunicação entre pais e filhos sobre estas questões, sendo o papel de fonte de informação mais importante transferido para os pares (Menezes, 1990). Na verdade, a investigação tem detido uma atenção crescente na influência da família, particularmente do casal parental, no comportamento dos adolescentes neste domínio, na tentativa de identificar os componentes das relações e interações pais-filhos que possam contribuir para um decréscimo das decisões sexuais menos saudáveis, bem como dos comportamentos de risco. Empiricamente comprovada está a associação real entre as atitudes e valores parentais relativamente à sexualidade e a idade do sujeito aquando a sua primeira experiência sexual, uso de contraceção e gravidez indesejada na adolescência (Klein, Sabaratnam, Pazos, Auerbach, Havens & Brach, 2005). Para além disso, os progenitores mencionam também o papel da escola, já que os adolescentes *“sabem da necessidade de ter o preservativo, sabem como é que podem evitar, ... na escola ... têm os enfermeiros que vão lá fazer a educação sexual”*, bem como o papel da internet e dos programas televisivos e publicitários. Os participantes discutiram até que, uma vez que *“a maior parte dos adolescentes deste país não tem o acompanhamento da família ... são influenciados pelas séries e pelos filmes”* (GP_5). Por conseguinte, ainda que o grupo seja unânime a considerar que os pais deverão ser a fonte desejável no que toca a **conversas sobre namoro e sexualidade na adolescência** e embora investigação relativamente recente preconize que maior comunicação entre pais e filhos encoraja os adolescentes a adotarem comportamentos sexuais responsáveis (Moore & Rosenthal, 1995; Lehr, Dilorio, Dudley & Lipana, 2000), resultando num retardamento do início da vida sexual dos filhos e numa maior propensão para o uso de métodos contraceptivos, no caso de serem já sexualmente ativos, bem como num menor risco de gravidez adolescente e numa redução do número de parceiros sexuais (Miller & Benson, 2001), alguns pais reconhecem que sexualidade é um assunto que raramente abordam na presença da sua prole [*“reconheço que falo pouco de sexualidade com a minha filha ... tenho muita dificuldade em abordar esses assuntos”* (GP_4); *“também não falo. Com o Manel [refere-se ao filho mais novo, único rapaz], assim em tom de brincadeira, começo a chamá-lo a atenção de que é preciso respeitar, que não é para andar aí com todas ... vou falando, mas assim uma coisa muito superficial”* (GP_5)]. Porém, as opiniões deste conjunto de pais são divergentes, já que outros consideram ter uma postura de maior abertura relativamente à temática, ainda que, em termos genéricos, todos estejam convictos

quanto ao facto do seu papel dever, em termos teóricos, passar por conversar sobre a temática, dando azo a *“troca de experiências”* (GP_2), formar e educar, enquanto principal agente de transmissão de valores (Marques, 2006), alertando, por exemplo, para a importância de *“respeitar sempre a outra pessoa”* (GP_2) e, por último, assegurar a presença de bons modelos no contexto familiar, já que *“o mais importante é a família, é o exemplo”* (GP_6). Curiosamente, um sujeito partilhou: *“sempre tive um bocadinho mais de abertura em relação a isso, porque eu também não queria que lhes acontecesse o que me aconteceu a mim aos 16 anos, não é, ficar grávida e ‘agora o que é que vamos fazer’.* *Sempre tentei, embora eles fossem rapazes, que não lhes acontecesse a eles, porque, hoje em dia, ... acho que não há necessidade de uma miúda casar aos 16 anos, só porque está grávida, não acho necessário. Acho que eles podem ter na mesma a vida sexual deles e não terem que casar aos 16 anos, como eu tive”* (GP_1). Assim, enquanto uns acreditam haver, na maior parte das relações pais-filhos de hoje, um lugar cada vez menor para abordagem das temáticas emergentes da adolescência, designadamente as relações românticas e a sexualidade, outros consideram ser cada vez mais fácil para os adolescentes acederem aos pais nesse sentido. Discutidos os principais constrangimentos que poderão estar na excecionalidade de conversas em torno destas questões, o grupo identificou como principais fatores a ausência de formação ou informação adequada (Miller et al., 2009; Rocha & Duarte, 2010) [*“às vezes nós podemos é não saber explicar as coisas assim ... como uma técnica”* (GP_3)], o desinteresse por parte da família [*“eu reconheço que possa haver famílias que não tenham tempo para os filhos ... mas também há muitas que têm e não o fazem”* (GP_4)] e a presente conjuntura laboral e económica, refletindo que *“devido às atividades profissionais de agora é mais complicado”* (GP_2) haver momentos em família propícios à conversa sobre os temas a que nos reportamos.

Se para parte dos elementos constituintes do grupo de discussão focalizada o momento de entrada dos seus filhos na adolescência foi sentido como uma transição repentina, patente, por exemplo, no discurso de um sujeito: *“de repente ... eu olhei para ela e disse ‘ela já não é igual’ ... não sei porquê, houve ali um dia que eu olhei para ela e ela estava diferente ... e realmente estava diferente”* (GP_3), para outros foi sentido como gradual [*“foi-se desenvolvendo ... foi muito gradual, muito devagarinho e a gente quase não deu fé”* (GP_2); *“foi uma coisa muito ténue”* (GP_5)] e para outros ainda como uma transição faseada, alegando que *“passam um período mais exacerbado e tal, mas depois acalmam, estabilizam ... ali antes de entrarem para a Faculdade, 12º, 11º, já é uma altura*

mais calma ... aquela fase de quererem sair sempre e tal já passou” (GP_6). Centrando-se com maior atenção nas **alterações observadas no cenário relacional**, o grupo fez menção unicamente à relação pais-filhos. Pelo seu discurso, percebe-se que, por parte dos adolescentes, sentiram uma maior necessidade de diferenciação [*“estava a querer fazer as coisas mais à maneira dela, já não admitia uma interferência tão grande da minha parte”* (GP_3); *“sabe muito bem aquilo que quer e quer o espaço dele ... muito esclarecido”* (GP_2)], uma procura crescente de autonomia, referida na literatura quer em termos emocionais, quer comportamentais e de valores (Fleming, 2005), contando um sujeito que *“ela sempre gostou que a levássemos à escola, ali e acolá, mas volta e meia já não queria, depois já não queria sair da escola e ir para a avó”* (GP_3), menor receptividade às demonstrações de afeto, sobretudo em contextos públicos, [*“eu já não lhe podia dar a mão”* (GP_4); *“não se lhe podia dar beijinhos na rua”* (GP_3), *“deixou de dar beijos”* (GP_1)] e, ainda, uma complexificação clara do cenário relacional, crucial para o desenvolvimento de capacidades relacionais (Costa, 2005), explicando que *“houve ali uma altura em que houve um comportamento mais ... atrapalhado, era muita coisa se calhar para ela, era o namorado, eram as amigas”* (GP_3). De facto, como preconizam Braconnier & Marcelli (2000), não deixando de se inscrever na sua linhagem familiar, é esperado que, como identificaram os pais presentes, o adolescente se defina e diferencie, reconhecendo as suas identificações, ensejos e ideais. Quanto a si próprios, os pais, confessando planear cada vez mais a sua vida em função dos filhos [*“ele agora mete-se nas coisas e tem conseguido gerir o tempo, mas obriga-nos a acompanhá-lo para tudo. Quer dizer, a nossa vida é em função dele ... a nossa vida depende da vida dele, ele é que condiciona a nossa vida ... e nós para o apoiarmos e para ele se sentir apoiado, mudamos as nossas coisas”* (GP_1); *“acho que essas mudanças ... têm a ver ... com a própria adolescência. Portanto, eles querem ir aqui, querem ir ali, e nós é que temos que os ir levar, ir buscar”* (GP_5)], acreditam que a maior transformação ocorre ao nível do leque de preocupações que passam a ter, fazendo referência a *“determinados perigos da vida ... a bebida, a violência, ... as drogas, as idas à discoteca”* (GP_3). Contudo, mencionaram também a perda do sentimento de pertença, já que sentem ser *“uma fase em que parece que eles deixam de ser tanto uma pertença nossa ... embora sejam na mesma”* (GP_2), contando um participante, a título de exemplo, que sofreu intensamente com a entrada do filho na adolescência, porque *“estava habituada a tê-lo sempre comigo e quando ele começou a querer sair de casa, eu chorava, quando ele vinha tarde, eu não adormecia”* (GP_1). Por último, acrescentaram o aumento das situações de conflito, motivadas

essencialmente pelo desejo do adolescente para explorar novos mundos, ameaçadores aos olhos dos pais, como as saídas para locais de divertimento noturno e todos os perigos associados [*“começa a chegar o fim de semana vêm as discussões”* (GP_3); *“quando achamos que é a mais [refere-se à frequência de saídas para discotecas], as discussões são mais habituais”* (GP_6)]. Ubíquos no contexto de relações próximas, muito particularmente nas estabelecidas entre pais e filhos, os conflitos nesta etapa do ciclo vital estão usualmente relacionados com assuntos mundanos e parecem diminuir linearmente de frequência no período entre a pré-adolescência e a jovem adultez (Collins & Laursen, 2004). De facto, embora segundo parecer de alguns pais, os próprios adolescentes sejam os grandes responsáveis por estas mudanças que operam na relação pais-filhos, considerando que acontecem devido à *“adolescência deles”* (GP_3), porque *“é uma fase da vida de afirmação deles”* (GP_2) e se *“até uma certa idade eles estão debaixo da nossa capa, fazem tudo o que a gente manda”* (GP_2), nesta etapa *“tudo o que a gente lhe possa dizer, se eles não assimilarem, não vai adiantar de nada”* (GP_4), outros há que parecem entender que ambos, quer progenitores, quer prole adolescente, são responsáveis por estas mudanças [*“temos que repartir aqui as culpas”* (GP_5); *“eu acho que é responsabilidade deles, embora com a nossa influência”* (GP_6)]. Um sujeito explica: *“acho que começa por eles, porque eles se apercebem, se calhar primeiro do que nós, que já são adolescentes, e nós apercebemo-nos mais tarde. Então nos primeiros tempos há conflitos porque eles acham que já são e nós ainda não nos demos conta de que já são, e só depois chegamos a um ponto de equilíbrio, mas andamos ali um grande período ... desfasados, em que me parece que as culpas estão repartidas”* (GP_5).

Juntados os três grandes *ingredientes da receita deste estudo*, **namoro, sexualidade e relação pais-filhos**, o grupo começou por refletir acerca do impacto que a vivência de uma relação de namoro pelos seus filhos adolescentes poderá ter na relação pais-filhos, sendo evidente para um participante que *“se elas encontrarem um bom companheiro ... as coisas vão correr bem, se encontrarem uma má influência, um mau companheiro, aí as coisas relativamente aos pais começam a complicar-se”* (GP_3). De um modo geral, se por um lado raros sujeitos, reportando-se a experiências passadas, são da opinião de que não há qualquer impacto [*“eu não notei, sinceramente, a Mariana teve esse namorico, mas na nossa relação com ela e dela connosco não notei alterações nenhuma”* (GP_5)], por outro, a maioria defende haver algum impacto, referindo-se designadamente ao sentimento que experimentam, parecendo *“que se desligam mais de nós ... afastam-se mais um*

bocadinho” (GP_3), clarificando que *“a mãe tem um ‘sentimentozinho’ de ver a filha a desligar-se um bocadinho*” (GP_4), associado ao sentimento de perda de que nos fala a literatura (Matos, 2006). Um elemento, justificando o motivo pelo qual sentiu, aquando uma relação de namoro da filha, algum impacto na relação que mantinham, contou: *“eu acho que criava mais atritos entre mim e ela porque tudo o que ele fazia eu chamava a atenção que era para se armar, que era isto, que era aquilo ... teve um bocado de impacto porque eu ... chateava-me, pronto, não gostava mesmo do miúdo*” (GP_6).

Demorando-se mais nas questões da sexualidade, alguns progenitores partilharam a facilidade com que concebem os seus filhos como adolescentes sexuados e com uma vida sexual ativa [e.g.: *“não me faz muita confusão, se elas namorarem com um rapaz de que efetivamente gostem, que gostem um do outro*” (GP_6); *“se eles chegarem a um ponto da relação, em que pesaram se há respeito de parte a parte, se é aquela pessoa de quem gostam e que querem estar com ela ... aí nós temos que aceitar, ser compreensivos ... é um pouco a realidade que nós vamos ter que encarar, é aquilo que nos espera. De facto a minha preocupação é se de facto é aquela pessoa que ele escolheu que vai continuar*” (GP_2)], enquanto outros admitiram que *“é um bocado difícil*” (GP_3). Imaginando a possibilidade dos adolescentes partilharem com os pais que tinham iniciado ou estariam a pensar iniciar a sua vida sexual, o grupo fez referência ao contexto em que tal ocorre, enquanto fator supremo que iria influenciar a sua reação. Mencionaram, mais especificamente, a duração da relação [*“depende, não é?! Se dissessem assim ‘olha, comecei a namorar com um rapaz há 15 dias ou uma semana e estou a pensar’...”* (GP_6)] e o tipo de relação (percebido pelos pais), explicando que *“acho que nós vamos aceitar ou não consoante virmos se eles gostam ... depende, se virmos que gostam um do outro, que namoram há muito tempo, sim, se vierem ter connosco, eu acho que reajo bem, porque acho que é uma coisa normal*” (GP_6), ou seja, *“quando eles vão tendo alguma intimidade, nós vemos que eles conversam um com o outro ... se há uma preocupação um com o outro ... então a partir daí é natural que as coisas evoluam*” (GP_2). Na opinião do grupo, refletindo acerca do impacto que esta questão poderia ter na relação pais-filhos, ainda que acreditem na maior parte das vezes não existir qualquer impacto, esta reação de que falamos anteriormente poderia inverter o cenário, uma vez que *“se a pessoa reagir mal é uma confusão*” (GP_1). Importa também registar a questão levantada pelos pais quanto à possibilidade da diferença de género dos adolescentes poder influenciar a abordagem destas situações, considerando alguns *“que varia de rapaz para rapariga ... ter*

filhos rapazes é uma coisa e raparigas é outra ... são ambas complicadas, mas eu acho que as raparigas ...” (GP_4), deixando adivinhar um padrão duplo em termos de valores face à sexualidade (Menezes, 1990), opinião adversada por uma mãe, com o argumento de que “o que eu acho mais importante do que as meninas engravidarem é mesmo o apanharem uma doença ... uma pessoa tem relações com este, com aquele, o perigo maior não é engravidar ... no fundo é uma coisa que tanto ocorre nas meninas como nos meninos” (GP_3). Dois sujeitos, com opiniões discordantes, discutiam, já que o contexto de grupo a isso convida:

“GP_6: ... sinceramente, as minhas preocupações com ele são iguaizinhas às que eu tenho com elas. Eu quando deixo sair, preocupo-me essencialmente com quem e como vão, como vêm, com os amigos ... mas tanto me preocupo com elas, como com ele. As preocupações são iguais, não é por ele ser rapaz que ...

GP_4: Sim, mas em questões sexuais e assim é ...

GP_6: É igual, eu acho que é igual, porque eu também não gostava que ele tivesse uma má experiência.

...

GP_4: Mas é muito corrente as pessoas ... uma coisa muito simples, ‘ah, mas ele não aparece grávido’.

GP_6: Mas fica com responsabilidade paternal”

Por fim, numa reflexão geral, os pais participantes no grupo de discussão focalizada concluíram ser este um período de transição não apenas para os adolescentes, mas também para os próprios pais, deixando entender que “eles impõem a sua personalidade, não é? Às vezes eles mudam e nós temos que saber mudar com eles” (GP_3). Dois sujeitos explicaram:

“GP_5: ... nós também nos vamos adaptando ... eles a nós e nós a eles ... vai havendo uma adaptação mútua, acho eu.

GP_3: E condescendências de parte a parte.

GP_5: Só que enquanto que essa adaptação não surge, que era o que eu falava, há os tais desencontros”

Estes *desencontros* narrados pelo GP_5, aparecem descritos na literatura como uma tensão relacional passível de se instalar entre o pai adulto e o filho adolescente, quando o primeiro não quer reconhecer o estatuto ao qual o outro quer aceder (Braconnier & Marcelli, 2000). Para além disso, alguns autores referem ainda a possibilidade de, nesta etapa em que os filhos se tornam adolescentes e os pais rondam os quarenta/cinquenta anos de idade, o casal se deparar com a “crise do meio da vida” (Erikson, 1972), percebendo a necessidade de balancear e reavaliar ambições, reorganizar a vida e, quantas vezes, reestruturar o próprio casal. De facto, como anunciado no enquadramento teórico, parece todo o sistema familiar estar a ser desafiado para a mudança (Fleming, 2005), quer pelas mudanças qualitativas que se impõem a nível relacional, quer pelas alterações que vão sofrendo os sistemas individuais que o compõem.

4.2. Grupos de Adolescentes

4.2.1. Grupo de Adolescentes que Namoram

Ainda que a maior parte dos adolescentes que participaram neste grupo de discussão focalizada se conhecessem, pelo facto de frequentarem a mesma instituição de ensino secundário, facilmente se percebeu que alguns, em particular, mantêm relações mais próximas, o que não pareceu afetar o decorrer da discussão. Por vezes, dada a tendência para narrarem episódios pessoais que, não raramente, se alongavam para lá da temática em debate, foi necessário que a moderadora direcionasse a conversa, bem como que incentivasse a participação de elementos menos ativos.

Debruçados sobre a **conceptualização de namoro na adolescência**, o grupo enfatizou inicialmente a componente afetiva, fazendo alusão à amizade, afeto, compromisso, explicando que *“numa relação de namoro ... há muito mais sentimento à mistura ... o compromisso gera-se também por causa disso”* (GA1_3) e à intimidade, clarificando que a relação romântica permite *“explorar outros tipos de intimidade que não temos com a família ou com os amigos”* (GA1_4). Questionados quanto ao que entendem por intimidade, o grupo partilhou:

“GA1_2: Há diferentes patamares, não é? A intimidade do só beijar e do abraçar ...

GA1_1: *Desde o beijo ...*

GA1_5: *E também há a intimidade das palavras, daquilo que nós confiámos à outra pessoa.*

GA1_2: *E depois temos a intimidade que ...*

GA1_5: *Mais física.*

...

GA1_1: *Há diferentes tipos de intimidade.*

GA1_3: *Pois, lá está. Tem muito a ver com a maneira como a gente trata as outras pessoas, por exemplo, com amigos falamos de uma maneira, com a família falamos doutra, com o namorado ou namorada também falamos doutra maneira. É ... depende tudo do nível de intimidade que temos com as pessoas e depende da relação que temos com elas.”*

Nesta linha, num estudo levado a cabo por Montgomery & Sorrel (1998), os autores concluíram que, ainda que poucos adolescentes da amostra se envolvam numa intimidade verdadeira e mútua como Erikson (1976a) sugere ser conseguida na jovem adultez, muitos reportaram precursores dessa intimidade, como a reciprocidade do envolvimento, as interações frequentes e as características semelhantes às amizades mais próximas. Para além disso, não omitindo a componente física/sexual, os adolescentes mencionaram a importância do toque, do “abraço” (GA1_2) e da relação sexual, ressaltando que “*a parte física não deve ser incluída antes de haver qualquer compromisso, como numa curte ou assim*” (GA1_4). Por conseguinte, surgiu então a necessidade de definir estas hierarquias relacionais (Costa, 1999) que, de acordo com opinião expressa pelo grupo, se destriçam da relação de namoro. Apontando como traços diferenciadores a duração da relação, a intensidade com que é vivida e o seu significado, os participantes acreditam que “*curtir ... é passageiro e não é sério ... não é tão intenso*” (GA1_6), “*mais sem sentimento*” (GA1_1). Um adolescente, contando já ter vivido situações que considera terem sido *curtes*, explicou, identificando o compromisso como o grande aspeto diferenciador:

“GA1_7: *Pronto, sentia-me bem, ‘tava com alguma rapariga ou assim, nesse caso a curtir. Pronto, não curtia por curtir. Sentia alguma coisa pela rapariga só que não queria compromissos ... Até que encontrei agora... ‘tou com uma rapariga e percebi mesmo o que é que é namorar. Já não penso na palavra curtir. Agora penso mesmo no compromisso.*

MOD: *Então para ti o que distingue a curte do namoro é mesmo o sentires que tens um compromisso com aquela pessoa?!*

GA1_7: *Sim.*

...

GA1_4: *E não só...*

GA1_1: *Pois eu acho que é isso e não só ... eu acho que é um bocado ... menos sentimento à mistura uma coisa mais física.*”

Contudo, esta distinção de formas relacionais causou alguma controvérsia, levando o grupo a refletir acerca dos fatores que poderão influenciar a representação que cada um tem de *namorar*, *curtir* e *andar*. Com efeito, acreditam que tal é fruto não somente de traços de personalidade, mas também se explica pelo facto de terem vivido “*experiências diferentes de vida*”(GA1_7) e pelos contextos desiguais em que se encontram inseridos, como por exemplo, “*quem nos rodeia, os ambientes que frequentamos*” (GA1_1) e “*os grupos de amigos que temos*” (GA1_7). Por seu turno, a investigação, como explicação para a diversidade em termos de frequência, natureza e *timing* das relações românticas que cada adolescente estabelece, aponta fatores como a autoestima, o estatuto no grupo de pares e o género (Furman & Shaffer, 1999).

Entendem que o namoro tem sobretudo a função de servir como novo palco para explorar situações, quer em termos de experiências de intimidade, contributos, a par da imagem construída da intimidade dos pais e dos constrangimentos colocados por questões culturais/institucionais, cruciais para a construção da sua identidade (Costa, 2005), como de socialização, colocando-os em “*situações com que nós não nos deparamos normalmente, por exemplo, as discussões ou assim*” (GA1_3). Assim, é-lhes permitido irem construindo guias de interpretação e expectativas relativamente a si próprios, aos outros e às experiências relacionais (Baldwin, 1992, Mischel, 1993 in Costa, 2005).

À semelhança do que aconteceu na conceptualização de namoro, também na **conceptualização de sexualidade na adolescência** o grupo começou por ressaltar a componente afetiva, evidenciando que “*não é só a parte física que conta ... vai desde o beijo aos carinhos*” (GA1_1), e a componente relacional, expondo que pensam ser um constructo que abarca “*não só relações que temos com outras pessoas mas também com nós próprios, conhecemo-nos melhor, normalmente nesta idade da puberdade*” (GA1_3). Todavia, detiveram-se essencialmente na componente física/sexual, sistema que, a par do de afiliação, é esperado ser o mais importante nas relações românticas adolescentes (Furman & Shaffer, 1999), fazendo alusão, mais uma vez, quer ao toque, quer à relação

sexual [“*não é só o ato sexual*” (GA1_1), “*o próprio tocar faz parte da sexualidade*” (GA1_2)]. Centrados na decisão quanto ao momento da primeira relação sexual, na sociedade atual, o grupo observou:

GA1_2: ... *raparigas nas idades dos 16 anos estão a perder a virgindade o que acho que antes não era muito habitual.*

GA1_1: *Eu não acho...*

GA1_2: *Acho que agora há muitas raparigas entre os 15 e os 16 a perderem a virgindade.*

GA1_1: *Por acaso eu acho que é mais cedo...*

GA1_6: *É...*

GA1_1: *Acho que é mesmo mais cedo. Às vezes fico estupefacta. 13 anos...*

Neste sentido, acreditam que o ato sexual, transformado “*numa coisa banal*” (GA1_1), “*deixou de ser uma coisa íntima, mas para uma coisa pública em que toda a gente tem de saber se nós somos virgens ou não e quando o fizemos e porque fizemos*” (GA1_6). Porém, alargando a esfera para a natureza mais ampla da sexualidade, remeteram para o que aprenderam em disciplinas como Psicologia e Filosofia, referindo que existe “*durante toda a vida*” (GA1_5) [“*no início, quando nascemos e quando somos bebés ainda, já começa essa componente do afeto*” (GA1_3)]. Reportando-se ao contexto em que esta é manifestada, deixaram claro que “*hoje em dia tá muito em tudo o que a gente faz basicamente, mesmo fora, sem ser as relações entre pessoas. Todos os dias nos deparamos com coisas que remetem à sexualidade*” (GA1_3), designadamente em “*anúncios*” (GA1_6) publicitários.

Percebida a importância que assumem as **conversas em torno das relações românticas e sexualidade na adolescência**, a maior parte referiu falar normalmente com os amigos, o que é igualmente sugerido por um estudo levado a cabo por Schouten et al. (2007), surgindo o par romântico em segundo lugar e a mãe em último, referida por apenas dois participantes, curiosamente do sexo feminino, o que é condizente com dados apontados por investigação que refere que as raparigas adolescentes reconhecem falar mais acerca da sua sexualidade com as mães do que os adolescentes, assim como que uma maior percentagem de mães de raparigas do que mães de rapazes relatam conversar com as suas filhas em volta destas temáticas (DiIorio, Kelley & Hockenberry-Eaton, 1999). Assim, questionadas acerca do porquê de não haver essa mesma abertura com o pai, expuseram

que nunca tiveram *“uma relação tão próxima”* (GA1_4) como com a mãe, veem-no como uma figura mais distante (Collins & Laursen, 2004) e, talvez por isso, sentem-se mais *“retraídas”* (GA1_1). Na opinião do grupo, a escolha destas fontes e não de outras prende-se com fatores como: *i. a proximidade relacional, explicando que preferem “as pessoas que estão mais próximas de nós. Convivem diariamente connosco”* (GA1_1); *ii. a confiança*; *iii. a idade [“eu também sou muito aberta com a minha mãe, mas também acho que o facto de termos 16 anos de diferença, acho eu ajuda bastante”* (GA1_2)]; *iv. a semelhança de experiências, quer presentes, já que no caso do amigos “estão na mesma situação que nós”* (GA1_7), quer passadas, uma vez que *“nós julgamos sempre que é diferente, mas no fundo, foram outros tempos, mas é a mesma coisa, passa-se pelo mesmo”* (GA1_6). No entanto, a maioria contou que gostaria de conseguir falar com os pais (casal), mas deparam-se com inúmeros constrangimentos para que tal não aconteça. Se por um lado acreditam que muitos adolescentes nem sequer tentam, não *arriscam*, admitem que, para além de ser clara a postura de pouca abertura por parte de alguns pais, o desconforto do tema é algo sentido quer por eles, quer pelos próprios adultos (Hutchinson & Cooney, 1998; Fitzharris & Werner-Wilson, 2004), avançando um participante *“eu acho que nem eu estou à vontade para falar com os meus pais, nem eles estão à vontade para falar comigo. É um género de tabu. Ou um assunto que não é muito tocado”* (GA1_4). Para além disso, é patente o receio quanto à reação dos progenitores, nomeadamente, de crítica quando se trata de uma relação menos duradoura, ou intromissão, uma vez que lhes podem *“apontar o dedo ou então querer saber a vida toda deles”* (GA1_1). Neste sentido referem que a diferença de gerações também não abona a favor, considerando que *“este assunto da sexualidade no passado e no tempo dos nossos avós era muito, muito tabu, não era falado”* (GA1_6), pelo que os pais regem-se segundo um quadro de valores algo distinto do dos adolescentes do presente e viveram experiências diferentes, talvez mesmo nem falassem *“com os pais deles e se calhar é por isso que às vezes não têm iniciativa, porque nunca tiveram isso com os seus pais”* (GA1_6). Para além disso, relevam a importância das oportunidades de conversa em família, que percebem serem cada vez mais escassas, devido, por exemplo, ao *“emprego dos ... pais”* (GA1_4) e terminam com afirmações interessantes quanto ao discurso esperado por parte dos pais ou ao conteúdo habitual das conversas:

“é diferente falar com os pais, do que com amigos e outros familiares. Os nossos pais vão-nos dar aquela ideia de segurança, de fazer o que ‘tá certo.

Nós sabemos que os adolescentes hoje em dia não fazem praticamente nada certo ... e com os meus pais de certeza que eles só queriam que nós fizéssemos aquilo, aquilo e aquilo, basta-nos obedecer, eles só querem que nós façamos as coisas todas certas.” (GA1_7)

“Os meus pais se me tiverem que dizer alguma coisa, aquela questão de tem sempre cuidado e eteectra, dão sempre esse conselho, mas não temos aquela conversa que eu sou capaz de ter com as minhas amigas, de partilhar experiências e contar isto e aquilo, com os pais é totalmente diferente” (GA1_5)

De facto, os estudos têm vindo a patentear que, não obstante os progenitores serem considerados agentes primordiais na transmissão de informação acerca de sexualidade, nomeadamente na partilha de valores, a comunicação entre pais e filhos em torno destas temáticas é limitada (Schouten et al., 2007). Como manifesto no discurso de GA1_7, também outros autores concluíram que os adolescentes perspetivam os seus pais como mais restritivos do que os próprios pais se consideram, apontando a possibilidade de uma brecha de gerações em termos de atitudes/valores perante a sexualidade (du Bois Reymond & Reveslout in DiIorio et al., 1999), igualmente mencionada neste grupo de discussão focalizada. Com efeito, o conteúdo das conversas entre pais e adolescentes parece focar-se sobretudo nas consequências negativas das relações sexuais e da sexualidade de um modo geral, reflexo das suas preocupações, descurando questões que os adolescentes deveriam conhecer para perceber melhor o seu crescimento e desenvolvimento (DiIorio et al., 1999), o que parece ser claramente sentido pelos filhos, que acabam por recorrer aos pares para discutir a maior parte dos tópicos relacionados com a temática, como revela também um estudo realizado com uma amostra portuguesa (Dias & Rodrigues, 2009).

Aquando da entrada na adolescência, não apenas se deparam com uma complexificação do seu **cenário relacional** em geral, como também acreditam que alguns contextos relacionais sofrem alterações, ainda que por vezes muito ténues. Relativamente às relações de amizade, enquanto um participante referiu não ter sentido grandes mudanças, partilhando *“que sempre soube definir bem quem eram os meus amigos”* (GA1_6), os outros mencionaram ter começado *“a definir melhor as coisas ... agora começamos a separar mais as coisas. Já temos os colegas, depois temos os amigos, depois temos aqueles amigos muito mais íntimos”* (GA1_3), explicando que tal acontece porque *“começamos a perceber melhor quem é que nós somos e quem é que queremos ser e a*

partir daí selecionamos melhor quem é que queremos que faça parte da nossa vida” (GA1_5). Outro sujeito, acreditando que talvez não seja a relação que se altere, mas sim as próprias pessoas que crescem, inserem-se noutros grupos e mudam, refletiu: *“eu não tenho a certeza se são os amigos que mudam ou se somos nós que mudamos de amigos, ou se somos nós próprios que mudamos. Muitas vezes aquelas pessoas que eram nossas amigas, depois quando estão mais tempo com certas pessoas ... também elas acabam por mudar”* (GA1_4). Alongando-se mais na relação pais-filhos, uma vez que acreditam haver mudanças mais significativas, centraram-se no distanciamento que acreditam acontecer no início da adolescência, naquela etapa que muitos designam pela *“idade do armário”* (GA1_6) [*“eu acho que compreendo os meus pais e todas as discussões que tive com eles, porque eu era mesmo muito infantil”* (GA1_6)], explicando que, passada essa fase, acaba por haver uma reaproximação. Entendem que os seus progenitores estão mais exigentes e, se por um lado a maioria percebe a haver cada vez mais espaço e à vontade para o diálogo, particularmente com as mães [*“eu acho que à medida que crescemos vamos sentindo mais à vontade ... para falar com os nossos pais, ou com a nossa mãe, no caso”* (GA1_2)], outros, sobretudo GA1_4, têm a opinião precisamente contrária, contando que *“tinha mais à vontade para falar com os ... pais quando era miúdo do que agora. Acho que há mais repressões e menos conversa”* (GA1_4). O grupo reitera o aumento das situações de conflito nas famílias nucleares descrito pela literatura, considerando que, muitas vezes, são despoletadas por um menor sentido de responsabilidade [*“admito que eu no meu 7º ano chumbei porque estava nessa fase. Só queria brincadeira, não ligava às aulas”* (GA1_7)] e uma urgência de maior privacidade por parte do adolescente [*“É normal que nós queiramos ter mais privacidade e mais não sei quê, por isso mesmo é que alguns passam muito tempo isolados dos pais, depois os pais interpretam isso como um mau sinal e dizem que estamos na idade do armário e que nós não queremos estar com ninguém e quero-nos isolar do mundo.”* (GA1_4)], muito própria do início da adolescência em que, devido ao desenvolvimento físico, psíquico e cognitivo, o indivíduo sente uma necessidade não só de se isolar, como também de contestar hábitos, costumes e mitos do mundo dos adultos (Dias & Rodrigues, 2009), afirmando-se, assumindo as suas responsabilidades e intentando moldar o mundo à sua medida (Marques, 2006). Porém, os adolescentes perscrutados neste grupo acreditam que há fatores que influenciam estas mudanças na relação pais-filhos, referindo-se sobretudo às situações de conflito e à reação dos progenitores aos constantes pedidos de autonomia e exploração fora da sua esfera. Por conseguinte, fazem alusão à questão do género [*“vejo isso pelo meu pai. Ele a mim, o meu*

irmão tem a idade que tem e eu sempre disse, quando vejo o meu irmão a pedir alguma coisa, que na minha altura ele não me deixava, por ser rapariga.” (GA1_6)] e ainda à posição na fratria, não estando, neste ponto, todos de acordo:

“GA1_4: ... acho que quando se tem irmãos mais novos é normal que o mais velho fique a tomar conta do mais novo. E por isso, ... os pais dão mais liberdade aos filhos depois mais velhos, mesmo por causa disso.

...

GA1_1: ... por acaso acho um bocado ao contrário ... eu acho que o meu irmão se calhar já não vai ter tantas imposições quanto eu, por exemplo, quer sair ou quer ir a um sítio qualquer, acho que os meus pais já só pensam uma vez, já não pensam duas vezes. Porque já tiveram essa experiência comigo e se calhar até correu bem, então os meus pais também o vão deixar fazer.”

Creem que, mais do que ser ou não o filho mais velho, a reação dos pais aos seus pedidos para saírem à noite, por exemplo, dependem da experiência que o casal já teve com filhos anteriores, considerando que quando houve situações menos bem sucedidas no passado, os pais preocupam-se, colocam restrições e fazem mais avisos, *“com medo que se volte a repetir a situação que aconteceu” (GA1_3)*. Embora parte do grupo pondere que os maiores responsáveis por estas mudanças na relação parental são eles próprios, enquanto sujeitos em mudança [*“nós estamos a mudar, eles não, eles já estão estabilizados” (GA1_6)*], que nem sempre partilham as novas experiências com os pais da melhor forma [*“é mais a forma como nós fazemos as coisas, a forma como nós as apresentamos aos nossos pais que vai ter impacto na nossa relação. Nós temos que nos mostrar dignos da confiança deles. Não podemos achar que a merecemos só porque sim.” (GA1_5)*], a maior parte supõe que a responsabilidade esteja *“repartida pelos dois lados” (GA1_1)*, explicando que *“eles [pais] também mudam conforme as circunstâncias, conforme as vivências que nós temos e que lhes vamos apresentando” (GA1_1)*, pelo que *“a relação também é influenciada pela reação dos pais ... não podemos dizer que não há culpa deles” (GA1_4)*. Ainda no âmbito do cenário relacional na adolescência, o grupo fez menção à relação de namoro, considerando que as grandes mudanças se prendem com a forma de viver a relação, com crescente *“seriedade” (GA1_1)* e a quase inevitabilidade da intimidade sexual [*““acho que há mais intimidade. Porque quando nós temos 12/13 anos, falo por mim, ... acho que a intimidade não era tão física, passava muito mais pelo toque,*

pelo beijo, pelo abraço, enquanto que quando nós temos 16 anos ou 17 ou 18, acho que quando nós vamos para uma relação, partimos do princípio que essa intimidade física tem que existir, quando se calhar tem que haver uma etapa antes que também passa pelo que nós éramos antes, pelo beijo, pelo toque” (GA1_6)].

Refletindo sobre **namoro, sexualidade e relação pais-filhos na adolescência**, o grupo começou por identificar quais os motivos que levam à partilha ou não com os pais de que estão a viver no momento uma relação romântica. Caso seja “*algo sério*” (GA1_3), e havendo até por vezes um desejo de partilhar a felicidade que estão a experienciar, pensam que faz todo o sentido contar aos pais. Para além disso, é frequente que tal acarrete benefícios posteriores, partilhando um participante que “*quando os meus pais tiveram oportunidade de conhecer o meu namorado e de passar algum tempo com ele, a minha mãe passou a permitir que eu fizesse muito mais coisas, sair à noite, esse tipo de coisas que eu dantes não podia fazer*” (GA1_5), e é uma forma de evitar a mentira e o conflito, “*porque ... nós dizemos ‘vamos sair’ e eles ‘com quem é que vais?’ , nós podemos querer ir sair com a namorada, mas eles não sabem que temos namorada e mentimos.*” (GA1_7), sendo que “*o conflito começa muitas vezes aí*” (GA1_6). Por seu turno, são da opinião de que não faz tanto sentido partilhar com os pais quando não se sabe “*até que ponto vai durar muito tempo*” (GA1_5), quando é “*algo passageiro*” (GA1_3), dando o exemplo das *curtes* que acreditam não ser “*apropriado contarmos aos nossos pais, porque daqui a uma semana já não é nada, e com que cara lhes vamos dizer passado uma semana ‘olha, já não é’*” (GA1_1). Por vezes, com o ensejo de que se mantenha um assunto privado [“*se é uma coisa minha, não quero que seja público para a minha família, pelo menos por enquanto*” (GA1_4)], receando a reação dos pais [“GA1_7: *Tiveste medo da reação deles? / GA1_4: Isso tenho sempre, não é?!*”], ou simplesmente por falta de ocasião ou porque estão certos de que os pais entendem sem ser preciso contar, acabam também por não partilhar com os pais. Quanto ao impacto que a vivência de uma relação de namoro poderá ter na relação que mantêm com os pais, os participantes evidenciaram opiniões divergentes. Se uns, reportando-se até a experiências reais, admitem não haver qualquer impacto ao nível da relação, sendo apenas “*mais um tema de conversação*” (GA1_6), outros acreditam haver um impacto até positivo, sentindo que os pais têm cada vez mais confiança nos filhos, o que contribui para uma maior proximidade. Uma adolescente explicou: “*acho que me veem mais ao nível deles, como se eu fosse mais adulta e não fosse uma criança. Se precisarem de me tratar como uma adulta, sentem que o podem fazer. E*

confiam mais em mim ... também sabe bem nós sentirmos que confiam em nós e que nos consideram responsáveis e nós também nos começamos a aproximar” (GA1_5). De facto, apesar de algumas perspetivas teóricas sugerirem, durante a adolescência, um aumento em termos de autonomia e diferenciação, uma redução da proximidade pais-filhos e um acréscimo das situações de conflito, apontam também, resultado de um processo gradual, um poder idêntico no seio da família, tornando-se a relação parental mais horizontal (Goede, Branje & Meeus, 2009), parecendo passarem a tratar os filhos *“mais ao nível deles”*, como referiu sentir GA1_5. Um elemento, por seu turno, defende ter sentido um impacto negativo na relação com os pais, uma vez que estes se tornaram mais desconfiados [*“depois de eu começar a namorar e dos meus pais saberem, acho que me prejudicou, porque, por exemplo, eu quero sair e se eu disser que vou estudar, eles já começam a desconfiar e acham que eu vou fazer alguma heresia ou qualquer coisa assim ou fazer algo que não deva para eles, e simplesmente acho que isso me prejudicou a nível de intimidade e de liberdade para sair”* (GA1_4)]. Quanto ao início da vida sexual, alguns colocam a hipótese de conversar com os pais acerca disso, dada a abertura que sentem por parte, essencialmente, das mães (Miller et al., 2009), e uma vez que, no caso de uma participante, a própria mãe antecipa a conversa [*“a minha mãe, como percebe como a sociedade é, que começa muito cedo, sempre que eu começo com algum namorado e digo à minha mãe, ela diz ‘é o tal? Tem cuidado!’.* Antes de eu dizer alguma coisa, ela pergunta logo se é o tal ... (caso iniciasse a vida sexual) *contaria logo. Se calhar até era a primeira pessoa a quem eu iria dizer”* (GA1_6)]. Porém, a maioria admite que não partilharia com os pais, justificando com a certeza de que, à semelhança da relação de namoro, os pais entendem sem que seja preciso contar, [*“não contei e acho que não contaria também, mas acho que eles percebem e vão sempre perceber quando nós entrarmos nessa fase. Eles já nos conhecessem bastante bem para perceberem”* (GA1_6)]. Para além disso, o desconforto do tema e o receio da reação dos pais também conduzem a que se mantenha segredo. Quanto ao impacto que partilhar tal situação com os pais pode ter na relação que com eles mantêm, colocam duas possibilidades: *“Ou os pais pensam que já somos maduros o suficiente e conseguimos tomar as nossas decisões, ... ou seja, se perdemos a virgindade é porque queríamos, que podíamos seguir esse passo sem qualquer conflito. Ou há a outra versão de ‘é uma irresponsabilidade, não sabes o que é que estás a fazer, estás a estragar a tua vida’”* (GA1_7). Na verdade, talvez esse impacto seja influenciado também pelo contexto em que ocorre a relação sexual, ou seja, se numa *relação séria*, se numa *curte de uma noite*, e pelo sentido de responsabilidade do filho adolescente, na forma

como é percebido com os pais, já que isso *“influencia a relação que nós temos com eles e a maneira como eles reagem às diferentes situações”* (GA1_6).

Ainda que percebam estar numa fase de transição, os adolescentes entendem que também os pais estão em mudança, porque *“ao conviverem contigo, vão percebendo a tua personalidade e vão percebendo como falar contigo”* (GA1_7) e *“aí já estão a mudar”* (GA1_1). Inteirados das metamorfoses familiares, sociais, sociológicas, desde o adolecer dos pais até ao seu adolecer, os participantes refletiram:

“GA1_1: (a parte dos pais também muda) porque se estão a adaptar a situações com as quais nunca se depararam. Até podem ter pensado nisso quando pensaram em ter um filho, pois sabiam que o filho ia crescer e que iam passar por todas estas etapas ...

GA1_4: Ou não, porque eles não sabiam que o filho, à idade de x anos, muito mais novo do que eles, ia para a noite, ou ...”

4.2.2. Grupo de Adolescentes que não Namoram

Um pouco mais tímidos, o grupo demorou a quebrar o gelo, percebendo-se uma maior relutância em abordar o tema. Ainda assim, com diferenças individuais claramente percebidas, criaram-se dinâmicas grupais interessantes, tendo este sido posteriormente descrito, pelos participantes, como um momento importante e enriquecedor.

Quanto à **conceptualização do namoro na adolescência**, o grupo começou por lamentar a forma como considera que os jovens de hoje vivem o romance, *“de uma forma muito leviana, muito passageira ... procuram, a maior parte claro, uma aventura”* (GA2_4), ainda que um elemento tenha realçado que *“o que importa é que a pessoa se sinta bem ... se há pessoas que gostam de experimentar estar com pessoas diferentes e ter experiências diferentes ...”* (GA2_1). Não fazendo qualquer alusão a uma componente física/sexual, como acontecera nos restantes grupos de discussão focalizada, enfatizaram a componente afetiva e relacional, incluindo aqui a intimidade [*intimidade é “falarmos daquilo que não costumamos falar com os nossos colegas, ou seja, por exemplo, também podemos considerar os problemas de casa, coisas que nunca estamos muito à vontade para falar ... E de fazer também. Ou seja, coisas que ... não fazemos assim com qualquer*

*pessoa, nem dizemos a qualquer pessoa” (GA2_5)], amizade, afeto e confiança, já que o namoro é sobretudo “uma relação de confiança ... as pessoas importam-se uma com a outra e preocupam-se” (GA2_2), sendo de acordo com a investigação, uma das relações fonte de maior apoio para os adolescentes (Furman & Buhrmester, 1992 in Furman, 2002) ou, pelo menos, percebidas pelos indivíduos como tal (Furman & Shomaker, 2008). O romance serve funções essenciais para o desenvolvimento humano, contribuindo, na opinião do grupo, para a descoberta e desenvolvimento da individualidade do adolescente, entendendo ser “algo importante para nos encontrarmos...para conhecermos outras pessoas e para encontrarmos o nosso próprio eu” (GA2_5), para conhecer o outro e para desenvolver padrões comportamentais, dado permitir “conhecer pessoas diferentes e aprender a interagir com elas e a adaptarmo-nos a elas” (GA2_2). Curtir e andar com, interações relacionais distintas do namoro, são descritas como envolvimento de “olá e tchau” (GA2_5), em que apenas existe “relação física ... pode haver aquela química, aquela atração, mas apenas, digamos, corporal. Não passa disso” (GA2_4). Assim, com limites subtilmente definidos, *curtir* parece ser sinónimo de estar com alguém sem compromisso, somente ligados pela atração física (Marques, 2006). Para o grupo, é algo que não faz qualquer sentido, uma vez que consideram que “estamos a usar uma pessoa e essa pessoa está a usar-nos a nós” (GA2_2) e acreditam ser impossível duas pessoas envolverem-se sem que haja qualquer laço afetivo.*

Embora na **conceptualização de sexualidade na adolescência** mencionem a mesma componente afetiva, acrescentam uma componente física/sexual, referindo-se à relação sexual em si. A primeira relação sexual, que pensam dever ocorrer no contexto de uma relação de namoro, é um passo “importante” e “arriscado”, na medida em que “sabemos que a relação está a ir muito bem mas sabemos que a vida dá muitas voltas e de repente as coisas podem-se alterar por completo” (GA2_5). Com efeito, também a literatura revela que atualmente a iniciação sexual, para além de estar associada a uma norma etária, parece, de igual modo, relacionada com uma norma relacional (Ferreira, 2010).

Para **conversar sobre relações românticas e sexualidade na adolescência** verificou-se, mais uma vez, que a maioria recorre aos amigos, conquanto ressaltando que “tem que se ter muito cuidado quando se fala disto com os amigos ... há sempre aqueles amigos que traem” (GA2_5). Apenas um elemento fez referência à possibilidade de conversar com o pai [“talvez ele brincasse um bocadinho com o assunto, mas pronto ...”

(GA2_5)], enquanto um outro contou preferir, nomeadamente quando alguma questão lhe coloca dúvidas, “*tentar encontrar outros meios*” (GA2_4), a internet, por exemplo, apenas porque são assuntos que prefere *guardar para si*. A perceção de abertura e à vontade com as temáticas e a confiança no outro são fatores apontados como principais motivos para recorrer às fontes referidas, assim como a semelhança de idades e experiências presentes, isto é, “*é muito mais fácil falar com uma pessoa da minha idade, que perceba, que esteja a passar pelo mesmo, do que com os meus pais*” (GA2_1). A maior parte dos adolescentes participantes gostava de conseguir conversar com os pais, mas, na sua opinião, são vários os constrangimentos que os impedem de fazê-lo. Apontaram como barreiras ao diálogo o desconforto do tema, que acreditam ser sentido sobretudo por eles próprios [“*os meus pais deixam-me à vontade para falar dessas coisas e falam, mas eu não sei, não consigo falar com eles sobre isso*” (GA2_2); “*não consigo falar com eles sobre estes assuntos, porque há sempre aquele ambiente muito estranho*” (GA2_3)] e o facto dos pais forçarem o assunto, dado idêntico ao que fora encontrado num estudo levado a cabo por Rouvier et al. (2011), em que os adolescentes evidenciaram que as conversas forçadas impedem uma comunicação confortável e com maior abertura, sentindo-se sufocados com a sensação de que tudo lhes será explicado acerca de sexualidade e prevenção numa só conversa, tantas vezes nem sequer antecedida de um clima de diálogo acerca de outras questões. Para além disso, a perceção de pouca abertura por parte dos pais [“*não têm assim uma mente aberta para absorver esse tipo de coisas*”(GA2_4)] e a diferença de gerações, sentida quer ao nível da grelha moral pela qual regem as suas atitudes, quer das experiências, são os constrangimentos apontados pelo grupo. Crentes de que o *choque de gerações* é muito grande, os participantes partilhavam:

“GA2_5: *Agora é uma pouca vergonha ...*

GA2_4: *Exatamente. Eles devem ter sido educados daquela maneira e fecharam-se, já não entra mais nada.*

GA2_5: *Os meus pais também são assim.”*

Perante as mudanças que ocorrem no **cenário relacional na adolescência**, nas relações de amizade consideram que se alteraram sobretudo os temas de conversa, as atividades conjuntas, acreditando que deixaram de “*brincar tanto*” (GA2_2), e o nível de proximidade, impulsionado pelo aumento do tempo passado com os pares. Contudo, é na relação com os progenitores que percebem um maior leque de alterações. É indiscutível o

facto de sentirem um aumento do distanciamento em relação aos pais, partilhando que *“na maioria dos casos, quando os filhos começam a sair mais com os amigos ou com quem quer que seja, começa a haver uma certa distância entre os pais e os filhos”* (GA2_4). Uma participante contou: *“dantes sentia mais falta da minha mãe e agora, por exemplo, vou de férias, ela liga-me cheia de saudade e eu, não é para ser má, também lhe digo que tenho saudades mas não é verdade. É claro que também gosto imenso dela, obviamente ... mas, sei lá, nem sinto falta, às vezes é capaz de passar dias sem que eu me lembre. Estou divertida com os meus amigos ...”* (GA2_1), espelho de que este distanciamento coexiste com a manutenção da qualidade da relação parental (Noack & Buhl, 2004). Para além disso, sentem que os momentos de diálogo passam a ser menos regulares [*“se calhar comecei a deixar de falar”* (GA2_1)], estagnando, normalmente, o nível de intimidade e decrescendo a auto-revelação entre pais e filhos (Hunter & Youniss, 1982 *in* Costa, 2005), e que, devido a diversos fatores de seguida identificados, crescem as situações de conflito. *“Foi aí que começou o grande choque com os meus pais ... porque comecei ... a encontrar o meu eu ... a querer a minha autonomia e a ser eu próprio a controlar-me. Senti que entrei na adolescência, que era outra fase da minha vida”* contava GA2_5, deixando evidente como estes pedidos de autonomia e diferenciação afetavam a sua relação com os pais. As dificuldades de controlo por parte dos pais [*“Quando entrei na adolescência foi tipo bomba lá em casa, porque agora estão sempre a dizer ‘Ai, quando eras mais nova era muito mais fácil’ pois, na altura controlavam-me e agora não”* (GA2_3)] e o facto do adolescente nem sempre corresponder às expectativas que os pais haviam delineado [*“de certa forma comecei a trilhar um caminho diferente do que os meus pais estavam à espera”* (GA2_3)] são também identificados como possíveis agentes despoletadores do conflito. Na verdade, estas alterações não se assemelham em todas as famílias, sendo o grupo da opinião que a posição do adolescente na fratria, na medida em que *“os primeiros filhos são os mais protegidos ... os pais são sempre mais liberais com os segundos filhos e por aí fora”* (GA2_1), o facto de os pais perceberem e valorizarem o sentido de responsabilidade do filho [*“os meus pais sabem que eu sou responsável, dão-me autonomia, mas eu tenho que ser responsável. Mas se fizer alguma coisa errada ou assim, eu perco a autonomia que eles me dão”* (GA2_2)] e, por último, experiências anteriores com adolescentes na família são fatores que influenciam a mudança. Refletindo acerca de quem serão então os responsáveis por estas mudanças na relação parental, foram vários os pontos de vista divergentes dos elementos do grupo, ainda que com o decorrer da discussão e com os novos *insights* despoletados, alguns participantes tenham mudado de opinião. Se,

por um lado, os adolescentes têm alguma responsabilidade, uma vez que acreditam isolar-se cada vez mais dos pais e reagir até de forma diferente às demonstrações de afeto por parte dos progenitores [“às vezes chego a casa e a minha mãe vem e dá-me um abraço e fica ali ... continua a abraçar-me, a abraçar-me e eu a certa altura até pergunto ‘Ok, já posso ir para cima?’” (GA2_1)], por outro admitem que a as “reações” e a “incompreensão” (GA2_3) raramente abonam a favor. No entanto, a maioria entende que a responsabilidade se reparte por pais e filhos, “porque não pode ser só uma pessoa a esforçar-se para manter aquela relação unida” (GA2_3).

Refletindo em torno de **namoro, sexualidade e relação pais-filhos na adolescência** e começando por identificar os motivos para partilhar ou não com os pais o facto de estarem a viver uma relação romântica em determinada altura, o grupo enunciou que faz sentido contar quando se trata de uma relação duradoura e séria ou simplesmente porque acreditam que isso trará benefícios posteriores, explicando que “é bom contar aos pais porque depois posso levar o namorado lá para casa, almoçar, jantar ... Se ficar sozinha o fim de semana, como a minha mãe já conhece e tal, posso convidar o namorado para passar lá o fim de semana ... Se não conhecerem, claro que não” (GA2_1). Por seu turno, quando se trata de uma relação de ainda curta duração ou acreditando que os pais entendem sem que seja preciso dizer, antecipando um questionamento excessivo ou uma reação negativa aquando o término do namoro, optariam por não partilhar com os progenitores. Enquanto parte do grupo acredita que iniciar uma relação de namoro não tem qualquer repercussão ao nível da sua relação com os progenitores, acrescentando uma adolescente que “como a minha mãe é professora numa escola, eu acho que isso também ajuda, porque tem mais noção das coisas que se passam na nossa idade” (GA2_2), outros acreditam que não só iriam passar cada vez menos tempo com os pais, consequência normativa do adolecer do indivíduo (Goede et al. 2009), como também o facto de ascender a tema recorrente de conversa e, num caso em particular, por não gostar da forma como os pais falam, “como dizem as coisas” (GA2_4), iria acabar por se refletir na relação parental. Caso iniciassem a vida sexual, nem sequer poriam a hipótese de contar aos pais, uma vez que, dado o desconforto do tema, não se sentem à vontade para falar sobre isso [“não contei à minha mãe ... é difícil, não gosto de falar sobre essas coisas com os meus pais” (GA2_1)], principalmente com os pais, talvez por causa da diferença de idades. Para além disso, receiam quer a reação dos pais, quer o questionamento que adivinham surgir a seguir [“acho que eles não iriam reagir mal e também não iriam sentir-se desconfortáveis

porque eles gostam de saber destas coisas. Uma vez tentei contar algumas coisas à minha mãe, mas ela começou a fazer muitas perguntas e a dar muitos palpites e eu não gosto disso” (GA2_1)], quer um possível impacto negativo na relação parental.

Trata-se, segundo parecer dos participantes, de uma fase de transição tanto para os adolescentes, que *“antes estavam ali ao pé deles, ao lado dos pais ... e agora querem sair com os amigos, com os namorados”* (GA2_1), como para os pais. Um elemento referiu sentir que, nesta etapa, também a mãe mudou, contando *“quando era mais nova ela era mais meiguinha comigo, agora não, agora é o sargento lá de casa ... Ela é assim comigo e eu sei que é porque ela quer que eu tenha responsabilidade, que não me esqueça de nada e está sempre a dar-me na cabeça por causa dessas coisas ... Mas não sei, podia fazê-lo de maneira diferente. Se calhar ela pensa que a culpa de eu estar assim a crescer ... ela culpa-me pelo meu crescimento, é mais assim”* (GA2_3). No fundo, defendem que *“para os pais é sempre difícil a parte quando os filhos chegam a adolescentes”* (GA2_1), porque *“também eles tem de crescer, à medida que nós crescemos. Crescer e habituar-se a que nós já não somos crianças e têm que perceber que ‘tamos a mudar e aprender a viver com isso, adaptarem-se e conseguirem comunicar connosco de forma a não ficarem parados no tempo”* (GA2_2).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como propósito aceder ao discurso de adolescentes e pais quanto ao impacto da vivência do romance e da sexualidade adolescente na relação entre pais e filhos na etapa do ciclo vital a que nos reportamos, explorando as suas representações em torno destas temáticas e os significados que imputam a essas vivências. Muito embora as dificuldades iniciais de constituir a amostra, amplificadas pelo facto de se ter optado pelos grupos de discussão focalizada enquanto procedimento de recolha de informação, e apesar de algumas limitações no guião previamente elaborado, percebidas já na etapa de análise, é importante agora compendiar as principais conclusões, focando aquelas que nos parecem ser e ter implicações proeminentes e úteis para a prática.

De um modo geral, pais e filhos relatam uma representação idêntica de namoro na adolescência, ainda que no grupo de pais e no grupo de adolescentes que não estão, no momento, a viver uma relação romântica, não tenha sido feita qualquer alusão a uma componente física/sexual, ao contrário do que acontecera no grupo de adolescentes que namoram. Com uma ênfase particular na componente afetiva e relacional, percebe-se que os adultos encaram as relações românticas nesta etapa da vida como algo passageiro e pouco sério, ainda que percebam o papel fulcral destas no desenvolvimento da sua prole. Por seu turno, os adolescentes, apesar de caracterizarem o namoro com referência à intimidade, compromisso e reciprocidade, não omitem a certeza de que alguns o vivem como algo leviano. Referindo-se à sexualidade, os três grupos voltaram a valorizar um plano afetivo, ainda que se tenha percebido um claro enfoque na vertente meramente biofisiológica, não acedendo à complexidade intrínseca ao conceito. Se os adolescentes que no momento não namoram mencionaram alguns receios quanto à primeira relação sexual, associados, principalmente, à incerteza quanto à continuidade da relação em que ocorre, também os pais parecem preocupados, sobretudo com a precocidade desse momento, questão igualmente refletida pelos adolescentes que namoram, grupo que se alongou mais na abordagem da questão.

De acordo com os progenitores, embora mencionem também o papel desempenhado pela escola e pelos meios de comunicação social, o contexto familiar é o agente máximo de socialização e educação sexual. Porém, simultaneamente admitem que é raro conversarem sobre namoro e sexualidade com a sua prole, o que acaba por ser reiterado quer por opinião expressa por ambos os grupos de adolescentes, em que os pares surgiram como primeiras figuras a quem recorrem, quer por estudos anteriores a este (Schouten et al., 2007). Para além disso, denota-se, principalmente no discurso das

raparigas, um claro maior à vontade com a mãe do que com o pai, sendo a figura materna descrita, na literatura, como o primeiro agente de socialização sexual na família, dado o seu maior conforto na abordagem da temática, sobretudo com a prole feminina (Miller et al, 2009) e a sua maior disponibilidade em termos de tempo (Rouvier et al., 2011), o que, dada a conjuntura atual portuguesa, talvez não seja uma justificação aplicável à nossa realidade. Os pais consideram faltar-lhes a formação ou informação adequada e, alargando a esfera de análise à maior parte das famílias nacionais, admitem a possibilidade de desinteresse por parte de alguns progenitores e a menor frequência de momentos em família propícios à conversação, barreira também percebida pelo grupo de adolescentes 1. Na verdade, para além do desconforto que a temática acarreta, que acreditam ser transversal a todos os intervenientes, e da perceção de pouca abertura por parte dos progenitores, os adolescentes parecem concordar que, se não há oportunidades de conversa em família acerca de outros assuntos, também não haverá para as temáticas emergentes da adolescência. Se, por um lado, os pais parecem disponíveis para conversar, considerando que nas relações parentais contemporâneas há uma maior abertura, por outro não o fazem e não parecem, de um modo geral, ser percecionados pela sua prole como tal. Para além disso, há também uma brecha naquele que entendem dever ser o conteúdo dessas conversas, na medida em que apesar dos cuidados associados à prevenção pareçam ser os assuntos mais urgentes aos olhos dos pais, o discurso dos adolescentes parece adivinhar uma menor necessidade de conversas desse carácter, talvez resultado dos Programas de Educação e Promoção Sexual que têm vindo a ser implementados em algumas escolas. Porventura estejam de facto acessíveis para dialogar, mas estarão os pais capazes de compreender a importância e o significado que determinadas experiências assumem no mundo adolescente, quando a primeira conceptualização que avançam de namoro adolescente o define como uma *“coisa passageira”*?

Poucos períodos desenvolvimentais envolvem tantas mudanças como a adolescência, sendo esta etapa do ciclo vital, por conseguinte, vivida pelo casal parental por vezes com alguma angústia. Parece ser clara para os pais a necessidade de diferenciação e autonomia por parte da sua prole, exigências bem espelhadas pelo discurso dos participantes mais novos, revelando alguns progenitores uma perda do sentimento de pertença que, associada a outras transformações, obriga, de facto, a alguns reajustamentos no seio familiar. Alguns responsabilizam sobretudo os adolescentes por estas alterações a nível relacional, já que são eles os seres em mudança, enquanto outros consideram que

ambos, quer progenitores, quer prole adolescente têm responsabilidade, adiantando até que demoram a compreender que os filhos cresceram, tornaram-se adolescentes e precisam, por isso, de explorar novos mundos e cenários relacionais, o que é muitas vezes despoletador de episódios de conflito. Por sua vez, a maioria dos adolescentes que, concordando com o aumento do conflito avançado pelos progenitores, se percebem mais distanciados em relação aos pais, principalmente no início da adolescência, concordam que tanto eles como os adultos são responsáveis pelas mudanças sentidas na sua relação, já que todos têm que se esforçar para se compreenderem mutuamente e para se manterem unidos. Ainda assim, tudo parece coexistir com a manutenção da qualidade da relação parental relacional (Collins & Laursen, 2004).

A maioria dos pais, cogitando acerca do impacto que a vivência de um romance pela sua prole adolescente poderá ter na relação parental, faz referência aos desentendimentos quando o par romântico não é do seu agrado, mas, sobretudo, ao sentimento de perda que experimentam nessa etapa, sentindo-os mais afastados. Já quanto ao início da atividade sexual, acreditam que, geralmente, não é sentido qualquer impacto, conquanto a sua reação perante tal revelação poderá inverter o quadro. Os adolescentes, refletindo acerca do impacto provável da vivência de uma relação romântica na relação que mantêm com os pais, divergem. Enquanto uns admitem a inexistência de qualquer impacto, outros, destaque-se que apenas um elemento do grupo de adolescentes que namoram, colocam a hipótese de haver um impacto negativo, experimentando uma sensação de maior desconfiança por parte dos pais, nomeadamente quando os pedidos para saídas com o par romântico, passando menos tempo com os pais e não lhe aprazendo o facto de esta questão ascender a tema recorrente de conversa em família. Contudo, grande parte dos adolescentes que namoram, reportando-se até a experiências pessoais, acredita na possibilidade de um impacto positivo, já que, dada a reação dos progenitores, acabam muitas vezes por sentir que são alvo de maior confiança, o que contribui para uma maior proximidade e uma sensação de relação mais horizontal (Goede et al., 2009). Relativamente ao início da vida sexual, apesar de se ter verificado que os adolescentes que não namoram nem sequer colocam a hipótese de partilhar tal facto com os pais, o que, no fundo, foi igualmente extensivo à maioria dos adolescentes que namoram, estes últimos mencionaram o facto desse impacto ser influenciado pela reação dos pais, que, por sua vez, é diferente consoante o contexto em que ocorre a relação sexual e o sentido de responsabilidade percebido no filho.

Numa reflexão final, os grupos, muitas vezes após troca de ideias, despoletadora do pensamento crítico, foram convergentes quanto ao facto da adolescência dos filhos marcar um período de transição quer, naturalmente, para os próprios, quer para os pais, que se veem também a mudar, havendo uma adaptação mútua às novas condições e padrões familiares. É interessante a ideia dos *desencontros* iniciais, avançada por um progenitor, referindo-se ao período em que pais não reconhecem o novo estatuto ao qual o filho exige ascender, não havendo, portanto, lugar a essas adaptações. Os adolescentes, compreendendo ser a tarefa de pai ainda mais exigente nesta altura, referem que pais e filhos crescem e mudam, dado considerarem que, embora os pais soubessem que um dia a sua prole iria chegar à adolescência, etapa da qual se realça, usualmente, a dimensão tumultuosa da existência adolescente (Alarcão, 2002), as características individuais, sociais e culturais farão sempre com que este período de grandes mudanças seja repleto de novidades, obrigando a um equilíbrio entre o sistema familiar e as aspirações de cada elemento que dele faz parte.

De um modo geral, não se encontraram grandes diferenças entre o grupo de adolescentes que namora e o grupo de adolescentes que não namora na abordagem de cada tópico lançado. Todavia, numa análise global, não obstante as diferenças individuais denotadas no seio do grupo, importa referir a evidência de um menor à vontade por parte dos adolescentes que no momento não namoram quando a discussão versava sobre a sexualidade, o que possivelmente se alastrará a outros contextos, servindo também de constrangimento para conversar sobre estas questões com os progenitores. Para além disso, o facto de atualmente não estarem a viver nenhuma relação de namoro, mas, como averiguado, já terem, a sua maioria, experimentado tal condição, poderá estar espelhada na conceção negativa que apresentam quanto à vivência do namoro pela juventude em geral, destacando a leviandade com que é vivida, bem como a representação algo receosa quanto à primeira relação sexual. Por seu turno, o discurso dos pais e, não raras vezes, também o de alguns adolescentes, parece refletir que, apesar de uma maior abertura na interpretação destas questões, se mantém o duplo padrão em termos do quadro de valores face à sexualidade, talvez parcialmente justificativo do menor à vontade do pai para falar com a filha adolescente, já que é no elemento masculino do casal que este padrão parece persistir. É curioso perceber como as perspetivas de pais e filhos em torno dos momentos de conversa acerca do romance e sexualidade adolescente se cruzam, sendo que todos reconhecem que esses momentos em família são raros, ainda que de extrema importância.

Como quebrar então as barreiras e ver praticado aquilo que todos, simplesmente por refletirem acerca da parentalidade nesta etapa, teorizam de imediato?

O estudo sugere, na verdade, cruzarem-se perspectivas e transições de pais e filhos adolescentes, quando ouvidos no seio dos grupos de discussão focalizada realizados. Fica conquanto a sensação da privação de cruzar diálogos em família, constituindo-se ainda, principalmente a questão da sexualidade, como tema tabu, apesar de todos os intervenientes perceberem a importância que tal poderia ter, nomeadamente para a manutenção da sua relação. Não se põe em causa a importância de monitorizar a implementação da Educação Sexual em meio escolar que, aliás, parece não se encontrar amplamente desenvolvida nas escolas portuguesas (Rocha, 2009), mas este estudo aponta igualmente para a importância de ouvir aqueles que dela poderão beneficiar, compreendendo as suas necessidades e a importância de trabalhar a alteração de crenças em torno da comunicação entre pais e filhos, e sugere a relevância desses programas se estenderem às famílias e à sociedade em geral. De facto, declara-se crucial que o envolvimento dos pais nestes programas de Educação Sexual passe por instigar a comunicação parental acerca do namoro e sexualidade adolescente, mesmo antes de verem os seus filhos numa relação romântica, já que só assim se poderá falar de prevenção, centrando-se, para tal, nos constrangimentos que pais e filhos avançam para a ausência dessa comunicação. Todavia, mais do que encorajar os pais a tomarem determinadas opções relativamente, por exemplo, ao *timing* em que introduzem a discussão destas temáticas, com base em dados da investigação, parece essencial dar aos pais a possibilidade de refletirem, discutirem e ouvirem várias histórias acerca de *como ser pai de filhos adolescentes*. Somente assim concluirão a necessidade de serem efetivamente os agentes basilares de educação sexual, de falar mais frequentemente e acerca de mais assuntos com os seus filhos, criando, em simultâneo, um ambiente familiar seguro, honesto e pautado pela abertura e acessibilidade, desde a infância.

Com efeito, os momentos de discussão em grupo pareceram de uma enorme riqueza para os participantes, evidenciando a escassez de oportunidades para pais partilharem experiências com pais, adolescentes com adolescentes e, sobretudo, pais com adolescentes, mutuamente, para que assim percebam que, ainda que diariamente pareça não se compreenderem e não saberem mais o que fazer para levar o outro a aceitar e respeitar o seu ponto de vista (Alarcão, 2002), têm, por vezes, opiniões próximas, constrangimentos análogos para partir para a ação e necessidades que se complementam.

Parentalidade, romance e sexualidade adolescente espelham vivências e representações de sujeitos e grupos sempre em evolução, nomeadamente em termos sociais e culturais. Este estudo de valor heurístico veio contribuir com mais uma grelha de leitura das temáticas para as quais nos reporta, centrando-se no significado que os próprios sujeitos dão às experiências. Com efeito, entendemos ter dado voz aos participantes, através da apresentação, análise e discussão das suas próprias palavras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alarcão, M. (2002). *(Des)Equilíbrios Familiares: uma visão sistémica*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Bardin, L. (1979). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bayle, F. (2005). A Parentalidade. In I. Leal. (coord.) *Psicologia da Gravidez e da Parentalidade* (cap. 12, pp. 317-346). Lisboa: Fim de Século.
- Bouchey, H. & Furman, W. (2003). Dating and Romantic Experiences in Adolescence. In G.R. Adams & M.D. Berzonsky (Eds.), *Blackwell handbook of adolescence* (pp. 313-329). Oxford: Blackwell Publishing.
- Braconnier, A. & Marcelli, D. (2000). *As mil faces da adolescência*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Chapman, E. & Werner-Wilson, R. (2008). Does positive youth development predict adolescent attitudes about sexuality? *Adolescence*, 43 (171), 505-520.
- Collins, W. (2003). More than a myth: The developmental significance of romantic relationships during adolescence. *Journal of Research on Adolescence*, 13 (1), 1-24.
- Collins, W. & Laursen, B. (2004). Parent-adolescent relationships and influences. In R. Lerner & L. Steinberg (eds). *Handbook of Adolescent Psychology* (second edition, pp. 331-361). New Jersey: John Wiley & Sons.
- Collins, W., Welsh, D.P. & Furman, W. (2009). Adolescent Romantic Relationships. *Annual Review of Psychology*, 60, 631-652.
- Connolly, J., Craig, W., Goldberg, A. & Pepler, D. (1999). Conceptions of Cross-Sex Friendships and Romantic Relationships in Early Adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 28 (4), 481-494.
- Connolly, J., Furman, W., Konarski, R. (2000). The role of peers in the emergence of heterosexual romantic relationships in adolescence. *Child Development*, 71 (5), 1395-1408.
- Costa, M.E. (1999). *Novos encontros de amor: Amizade, amor e sexualidade na adolescência* (2ª edição). Porto: Edinter.
- Costa, M.E. (2005). *À procura da intimidade*. Porto: Edições Asa.
- Costa, M.E. & Matos, P.M. (2006). Vinculação aos Pais e ao Par Romântico em Adolescentes (Vol. XX, pp. 97-126). *Psicologia*. Lisboa: Edições Colibri.

- Dias, A. & Rodrigues, M. (2009). Adolescentes e sexualidade: contributo da educação, da família e do grupo de pares adolescentes no desenvolvimento da sexualidade. *Revista Referência, II* (10), 15-22.
- DiIorio, C., Kelley, M. & Hockenberry-Eaton, M. (1999). Communication about sexual issues: Mothers, fathers and friends. *Journal of Adolescent Health, 24* (3), 181-189.
- Eisenberg, M., Sieving, R., Bearinger, L., Swain, C. & Resnick, M. (2007). Parents' communication with adolescents about sexual behavior: A missed opportunity for prevention?. *Journal of Youth and Adolescence, 35*, 893-902.
- Erikson, E. (1972). *Adolescence et crise: la quête de la identité*. Paris: Flammarion.
- Erikson, E. (1976a). *Identidade, Juventude e Crise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Erikson, E. (1976b). Oito idades do Homem. In *Infância e Sociedade* (pp. 227-253). Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Farquhar, C. (1999). Are focus groups suitable for 'sensitive' topics?. In Rosaline S. Barbour & Jenny Kitzinger (Eds.). *Developing Focus Group Research: Politics, Theory and Practice* (pp. 47 – 63). London: Sage Publications.
- Ferreira, P. (2010). Contexto da iniciação sexual – idade, relacionamentos e geração. In P. Ferreira & M. Cabral (org). *Sexualidades em Portugal: comportamentos e riscos*. Lisboa: Editorial Bizâncio.
- Fitzharris, J. & Werner-Wilson, R. (2004). Multiple perspectives of parent-adolescent sexuality communication: Phenomenological description of *rashoman* effect. *The American Journal of Family Therapy, 32*, 273-288.
- Fleming, M. (1997). *Adolescência e Autonomia: O desenvolvimento psicológico e a relação com os pais* (2ª edição). Porto: Edições Afrontamento.
- Fleming, M. (2005). *Entre o Medo e o Desejo de Crescer: Psicologia da Adolescência*. Porto: Edições Afrontamento.
- Flick, U. (1998). *An Introduction to Qualitative Research*. London: Sage Publications.
- Flick, U., Kardorff, E. & Steinke, I. (2000). What is Qualitative Research? An Introduction to the Field. In Uwe Flick, Ernst von Kardoff & Ines Steinke (Eds.). *A Companion to Qualitative Research* (pp.3 – 11). London: Sage Publications.

- Furman, W. (2002). The Emerging Field of Adolescent Romantic Relationships. *Current Directions in Psychological Science*, 11 (5), 177-180.
- Furman, W. & Shaffer, L.A. (1999). A Story of Adolescence: The Emergence of Other-Sex Relationships. *Journal of Youth and Adolescence*, 28 (4), 513-522.
- Furman, W. & Shaffer, L. (2003). The Role of Romantic Relationships in Adolescent Development. In P. Florsheim (Eds.), *Adolescent Romantic Relations and Sexual Behavior: Theory, Research, and Practical Implications*. New Jersey: Lawrence Erlbaum associates, 3-22.
- Furman, W. & Shomaker, L.B. (2008). Patterns of interaction in adolescent romantic relationships: Distinct features and links to other close relationships. *Journal of Adolescence*, 31, 771-788.
- Goede, I., Branje, S. & Meeus, W. (2009). Developmental changes in adolescents' perceptions of relationships with their parents. *Journal of Youth and Adolescence*, 38, 75-88.
- GTES – Grupo de Trabalho de Educação Sexual (2007). *Relatório Final*. Acedido a 20 de Setembro de 2011, em www.min-edu.pt/data/GTES_RELATORIOFINAL.pdf
- Hutchinson, M. & Cooney, T. (1998). Patterns of parent-teen sexual risk communication: Implications for intervention. *Family Relations*, 47 (2), 185-194.
- Kan, M., McHale, S. & Crouter, A. (2008). Parental involvement in adolescent romantic relationships: patterns and correlates. *Journal of Youth and Adolescence*, 37, 168-179.
- Kitzinger, J. & Barbour, R. (1999). Introduction: the challenge and promise of focus group. In Rosaline S. Barbour & Jenny Kitzinger (Eds.). *Developing Focus Group Research: Politics, Theory and Practice* (pp. 1 – 20). London: Sage Publications.
- Klein, J., Sabaratnam, P., Pazos, B., Auerbach, M., Havens, C. & Brach, M. (2005). Educational Programs: Evaluation of the parents as primary sexuality educators program. *Journal of Adolescent Health*, 37, S94-S99.
- Krueger, R. (1998). *Developing Questions for Focus Groups*. California: Sage Publications.

- Lehr, S., DiIorio, C., Dudley, W. & Lipana, J. (2000). The relationships between parent-adolescent communication and safer sex behaviors in college students. *Journal of Family Nursing*, 6 (2), 185-94.
- Marques, T. (2006). *Ninguém me entende: Conselhos práticos de psicologia para compreender os adolescentes*. Cruz Quebrada: Oficina do Livro.
- Matos, P.M. (2006). Relações românticas em adolescentes. *Psychologica*, 41, 9-24.
- Mayring, P. (2000) Qualitative Analysis. In U. Flick, E. von Kardoff & I. Steinke (Eds.). *A Companion to Qualitative Research* (pp. 265 – 269). London: Sage Publications.
- Menezes, I. (1990). O Desenvolvimento Psicosexual. In B. Campos, *Psicologia do Desenvolvimento e Educação de Jovens* (vol. 2, pp. 139-186). Lisboa: Universidade Aberta.
- Miller, B. & Benson, B. (2001). Family relationships and adolescent pregnancy risk: A research synthesis. *Developmental Review*, 21, 1–38.
- Miller, K., Fasula, A., Dittus, P., Wiegand, R., Wyckoff, S. & McNair, L. (2009). Barriers and facilitators to maternal communication with preadolescents about age-relevant sexual topics. *AIDS & Behavior*, 13, 365-374.
- Montgomery, M. & Sorell, G. (1998). Love and dating experience in early and middle adolescence: grade and gender comparisons. *Journal of Adolescence*, 21, 677-689.
- Moore, S. & Rosenthal, D. (2005). *Sexuality in Adolescence*. London: Rutledge.
- Morgan, D. (1997). *Focus Groups as Qualitative Research*. California: Sage Publications.
- Morgan, D. (1998a). *Planning Focus Groups*. California: Sage Publications.
- Morgan, D. (1998b). *The Focus Groups Guidebook*. California: Sage Publications.
- Morgan, E., Thorne, A. & Zurbriggen, E. (2010). A longitudinal study of conversations with parents about sex and dating during college. *American Psychological Association*, 46 (1), 139-150.
- Noack, P. & Buhl, H.M. (2004). Relations with Parents and Friends During Adolescence and Early Adulthood. *Marriage & Family Review*, 36, 31-51.
- Rocha, A.C. (2009). *À Descoberta da Educação Sexual: Uma perspectiva crítica a partir do discurso dos principais agentes*. Dissertação de Mestrado em Psicologia

- apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto.
- Rocha, A.C. & Duarte, C. (2010). A educação sexual pela voz da comunidade: Uma perspectiva crítica. *Psicologia, Educação e Cultura*, 14 (2), 425-440.
- Rocha, M. (2008). *Vinculação na Adolescência: Associações entre contextos relacionais com pais, pares e par amoroso*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto.
- Rouvier, M., Campero, L., Walker, D. & Caballero, M. (2011). Factors that influence communication about sexuality between parents and adolescents in the cultural context of Mexican families. *Sex Education*, 11 (2), 171-191.
- Schouten, B., Putte, B., Pasmans, M. & Meeuwesen, L. (2007). Parent-adolescent communication about sexuality: The role of adolescents' beliefs, subjective norm and perceived behavioral control. *Patient Education and Counseling*, 66, 75-83
- Sneed, C. (2008). Parent-adolescent communication about sex: the impact of content and comfort on adolescent sexual behavior. *Journal of HIV/AIDS prevention in children & youth*, 9 (1), 70-83.
- Somers, C. & Vollmar, W. (2006). Parent-Adolescent Relationships and Adolescent Sexuality: Closeness, Communication and Comfort Among Diverse U.S. Samples. *Social Behavior and Personality*, 34 (4), 451-460.
- Sprinthall, N. & Collins, A. (2003). *Psicologia do adolescente: uma abordagem desenvolvimentalista* (3ª edição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Tesch, R. (1995). *Qualitative research: analysis types & software tools*. New York: The Falmer Press.
- Tracy, J., Shaver, P., Albino, A. & Cooper, M. (2003). Attachment Styles and Adolescent Sexuality. In P. Florsheim (Eds.), *Adolescent Romantic Relations and Sexual Behavior: Theory, Research, and Practical Implications*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 137-159.
- Welsh, D., Grello, C. & Harper, M. (2003). When love hurts: depression and adolescent romantic relationships. In P. Florsheim (Ed.), *Adolescent Romantic Relations and Sexual Behavior: Theory, Research, and Practical Implications*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 185-211.



ANEXOS

Anexo 1. Guião do Grupo de Discussão Focalizada com Pais de Adolescentes

1. O que entendem por relações românticas quando nos estamos a referir à etapa da adolescência?
2. Como definiriam sexualidade?
3. Se os vossos filhos precisarem de conversar acerca destes temas, quem consideram ser as figuras a quem eles se devem dirigir?
 - a. Consideram que na maior parte das relações entre pais e filhos à lugar para conversas em torno destas temáticas?
 - b. Caso os vossos filhos preferissem falar convosco, pais, sentir-se-iam a vontade para o fazer?
4. Quando os vossos filhos começaram a entrar na adolescência, que mudanças é que vocês foram notando?
 - a. Sentiram que algo modificou ao nível da relação que vocês mantinham com eles? Que explicações encontram para tal? Se alguma coisa mudou, como se adaptaram a essas mudanças?
5. Imaginando que os vossos filhos adolescentes começam a namorar ...
 - a. Como é que vocês lidariam com esta situação?
 - b. Será que isso terá algum impacto na relação que mantêm com o vosso filho?
 - c. Quais são as alterações? Porquê?
6. Quando pensam nos vossos filhos, conseguem concebê-los como adolescentes com um corpo sexuado e uma vida sexual?
 - a. Caso eles iniciassem a atividade sexual e decidissem contar-vos, como é que vocês reagiriam?
 - b. Acreditam que esta questão poderá de algum modo influenciar a vossa relação com eles?
7. Todas as mudanças que ocorrem na relação que vocês mantêm com os vossos filhos, decorrentes das questões que estivemos a falar, do vosso ponto de vista, são mais da vossa responsabilidade ou da responsabilidade dos vossos filhos?

Anexo 2. Guião do Grupo de Discussão Focalizada com Adolescentes que Namoram

1. Vamos imaginar que estamos a conversar sobre estas questões com um grupo de amigos ...
 - a. O que é o namoro na etapa da vida em que vocês se encontram?
 - b. Como definiriam sexualidade?
2. Quando sentem necessidade de conversar sobre estes temas, com quem o fazem?
 - a. Porque é que escolhem essas pessoas?
 - b. Haveria alguém com quem gostariam de conversar, ainda que não o consigam fazer? Quais serão os constrangimentos?
3. Quando começaram a perceber que estavam a entrar na adolescência, sentiram que algo modificou nas vossas relações?
 - a. Consideram que, de um modo geral, a vossa relação com os pais sofre alterações? Quais? Porquê?
4. Pensem no momento em que começaram a namorar...
 - a. Contaram aos pais? Porquê?
 - b. Será que o facto de começarem a namorar teve algum impacto na relação que mantêm com os vossos pais?
 - c. Quais as mudanças? Porquê?
 - d. São mais positivas ou negativas?
5. Caso iniciem a vida sexual...
 - a. Preferem contar aos vossos pais ou manter segredo? Porquê?
 - b. Acreditam que essa questão poderá ter influência na relação que têm com os vossos pais?
6. Todas as mudanças que ocorrem na relação que vocês mantêm com os vossos pais, decorrentes das questões que estivemos a falar, do vosso ponto de vista, são mais da vossa responsabilidade ou da responsabilidade dos vossos pais?
 - a. Os pais também estarão a mudar nesta altura?

Anexo 3. Guião do Grupo de Discussão Focalizada com Adolescentes que Não Namoram

1. Vamos imaginar que estamos a conversar sobre estas questões com um grupo de amigos ...
 - a. O que é o namoro na etapa da vida em que vocês se encontram?
 - b. Como definiriam sexualidade?
2. Quando sentem necessidade de conversar sobre estes temas, com quem o fazem?
 - a. Porque é que escolhem essas pessoas?
 - b. Haveria alguém com quem gostariam de conversar, ainda que não o consigam fazer? Quais serão os constrangimentos?
3. Quando começaram a perceber que estavam a entrar na adolescência, sentiram que algo modificou nas vossas relações?
 - a. Consideram que, de um modo geral, a vossa relação com os pais sofre alterações? Quais? Porquê?
4. Se neste momento comessem a namorar...
 - a. Contavam aos vossos pais? Porquê?
 - b. Aham que o facto de começarem a namorar iria ter impacto na relação que mantêm com os vossos pais?
 - c. Que mudanças é que acham que ia haver na vossa relação? Porquê?
 - d. Seriam mais positivas ou negativas?
5. Caso decidissem iniciar a vida sexual...
 - a. Preferiam contar aos vossos pais ou manter segredo? Porquê?
 - b. Acreditam que essa questão poderá ter influência na relação que têm com os vossos pais?
6. Todas as mudanças que ocorrem na relação que vocês mantêm com os vossos pais, decorrentes das questões que estivemos a falar, do vosso ponto de vista, são mais da vossa responsabilidade ou da responsabilidade dos vossos pais?
 - a. Os pais também estarão a mudar nesta altura?

Anexo 4. Consentimento Informado

Projeto de investigação sobre romance e sexualidade adolescente têm na sua relação

Está em curso um estudo sobre a forma como pais e adolescentes perspetivam o romance e sexualidade adolescente.

Esta investigação procura dar voz a quem de facto está implicado nesta relação. Neste sentido, o estudo a desenvolver contará com três grupos de discussão, com cerca de oito elementos cada, sendo que dois terão a participação de adolescentes com 17 e 18 anos e um terceiro de pais de adolescentes da mesma faixa etária.

Para realização de um dos grupos de adolescentes com 17 e 18 anos vimos por este meio pedir que autorize a colaboração do seu filho, informando desde já que a discussão de grupo será gravada apenas em áudio, para que posteriormente seja feito o tratamento da informação, assegurando-se total anonimato e confidencialidade. Garante-se que o momento de discussão de grupo será agendado de modo a perturbar o menos possível quer o funcionamento da Escola, quer o vosso quotidiano familiar e o do seu educando em particular.

No âmbito do projeto de investigação, realizado por Ana Rita Amado, estudante do 5º ano do Mestrado Integrado em Psicologia (área de Psicologia Clínica e da Saúde), da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP), sob a orientação da Professora Doutora Cidália Maria Neves Duarte, eu,, declaro que autorizo a participação do meu educando,, num estudo sobre a forma como pais e adolescentes perspetivam o romance e a sexualidade adolescente.

Tenho conhecimento de que a informação recolhida durante este estudo será utilizada apenas para fins de investigação e que a participação do meu (minha) filho(a) será voluntária. Sei também que a discussão de grupo será gravada apenas em formato áudio, assegurando-se total anonimato e confidencialidade da informação partilhada.

Porto, de, de 2011

.....

(Assinatura)

Anexo 5. Caracterização dos Participantes dos Grupos de Discussão Focalizada

GRUPO DE PAIS (GP)	Participantes	Sexo	Idade	Número de filhos e idade dos mesmos
	GP_1	F	48	2 filhos (30 e 20 anos)
	GP_2	M	51	2 filhos (30 e 20 anos)
	GP_3	F	46	1 filha (18 anos)
	GP_4	M	52	1 filha (18 anos)
	GP_5	M	48	2 filhas (19 e 17 anos) 1 filho (14 anos)
	GP_6	F	47	2 filhas (19 e 17 anos) 1 filho (14 anos)

Quadro 2: Caracterização dos participantes do grupo de pais (GP)

GRUPO DE ADOLESCENTES QUE NAMORAM (GA1)	Participantes	Sexo	Idade	Ano de frequência escolar
	GA1_1	F	17	11º ano
	GA1_2	F	16	11º ano
	GA1_3	M	16	11º ano
	GA1_4	M	17	11º ano
	GA1_5	F	17	12º ano
	GA1_6	F	17	11º ano
	GA1_7	M	18	12º ano

Quadro 3: Caracterização dos participantes do grupo de adolescentes que namoram (GA1)

GRUPO DE ADOLESCENTES QUE NÃO NAMORAM (GA2)	Participantes	Sexo	Idade	Ano de frequência escolar	Experiências de namoro anteriores (Sim/Não)
	GA2_1	F	18	12º ano	Sim
	GA2_2	F	17	11º ano	Sim
	GA2_3	F	17	11º ano	Não
	GA2_4	M	18	12º ano	Não
	GA2_5	F	20	12º ano	Sim

Quadro 4: Caracterização dos participantes do grupo de adolescentes que não namoram (GA2)